

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ROBSON WILLIAM POTIER**

**O CORONEL E O CORDEL:  
IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DOS CORONÉIS NORDESTINOS DA PRIMEIRA  
REPÚBLICA PELA LITERATURA DE CORDEL**

**Natal-RN  
2008**

**ROBSON WILLIAM POTIER**

**O CORONEL E O CORDEL:  
IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DOS CORONÉIS NORDESTINOS DA PRIMEIRA  
REPÚBLICA PELA LITERATURA DE CORDEL**

**Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena e bacharelado em História.**

**Orientador:  
Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.**

**Natal-RN  
2008**

**Aos dois maiores amigos que eu já tive. Dois excelentes contadores de histórias. Dois homens que não vivem mais nesse mundo. Duas pessoas que viveram o presente com os olhos voltados para o passado. Meu pai, Paulo e meu avô, Roberto.**

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me trazido até aqui, por conduzir minha vida em meus erros e acertos.

Agradeço a Minha mãe, Roza, que me pôs no mundo, me educou de forma ímpar, não me deixou faltar amor, carinho e caráter, esteve sempre presente, orando para que eu alcançasse meus objetivos, realizasse sonhos e me tornasse uma pessoa boa. Acima de tudo, agradeço a você, mãe, por me fazer gostar de ler. A leitura e a música são valores em minha vida que eu devo a você (Prometo que agora que a monografia acabou eu vou finalmente ler o *Moulin Rouge* que você me deu e eu nunca li).

Agradeço ao meu irmão e amigo, Ronald, que diante da minha ousada decisão de estudar história com o objetivo de seguir um sonho e mudar de ofício, me incentivou e acreditou que esse poderia ser o caminho certo. Aliás, vejo todos os dias o quanto você sempre torce por mim.

Agradeço a minha avó Elza por estar sempre presente, por me colocar sempre em suas orações e principalmente por acreditar cegamente na vã ilusão de que seu neto é o “menino” mais inteligente do planeta.

Agradeço a minha tia Glória, uma das pessoas mais amorosas que eu conheço, além de ser uma professora universitária dedicada e apaixonada que alcançou seu ideal assim como eu espero alcançar o meu.

Agradeço a minha nova família, D. Leda, Cida, Lara e Cia., por terem me recebido com carinho e dedicação, além de sempre terem acreditado em mim, em Leda e na nossa bela história.

Agradeço a todos os meus amigos que estiveram presentes no percurso do meu curso de história. Agradeço especialmente aos amigos Rinelton, Tamara e Aline, por terem estado presentes em momentos cruciais, por terem ajudado, criticado, apoiado e principalmente, trazido leveza e descontração a diversos momentos, acadêmicos ou não, em que estávamos juntos.

Agradeço ao meu amigo, professor e padrinho Raimundo Nonato, pessoa que admiro desde muito tempo antes de ter demonstrado toda a sua dedicação, paciência e boa vontade como meu orientador. Admiro você, Nonato, pela pessoa que você é, mas principalmente pela forma apaixonada como você ensina história. Sempre me espelharei em você quando estiver exercendo meu ofício.

Agradeço a todos os professores do curso de História, pela dedicação, atenção, empenho e sobretudo por terem sido agentes formadores do meu aprendizado profissional e pessoal. Gostaria de agradecer especialmente a Aurinete, por sua sabedoria e por estar sempre por perto, sempre pronta a ajudar em tudo o quanto for possível e a Roberto Airon, que me agüentou como aluno por cinco semestres seguidos, duas viagens a Martins e um monte de perguntas que, pertinentes ou não, ele sempre fez questão de responder com brilhantismo.

Agradeço aos funcionários dessa instituição, pessoas fundamentais para que toda a engrenagem de nossa universidade esteja sempre funcionando.

Agradeço aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, responsáveis pela Biblioteca Átila Almeida, que me receberam cordialmente em pleno sábado me permitindo localizar, ler, manipular e fotografar mais de 600 frágeis livretos de cordel pertencentes ao seu precioso acervo.

Agradeço a você, Leda, mulher da minha vida, melhor amiga, parceira e companheira, que no início do curso era Leda Campelo e hoje é Leda Potier. Agradeço por você ter mudado minha vida. Agradeço por você, assim como minha avó, crer na ilusão de que eu sou “o cara” (você vive dizendo isso, mesmo vendo todos os dias o quanto eu posso ser chato, comum e óbvio). Agradeço por você ter me ajudado, defendido e apoiado sem restrições durante todo o tempo em que nos conhecemos, tempo que compreendeu o nosso curso de história, tempo em que você, minha amiga, virou namorada e depois se tornou esposa.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. A LITERATURA E OS POEMAS DE CORDEL COMO FONTES HISTÓRICAS .....	16
2. OS CORONÉIS E SEUS PODERES PELA LITERATURA DE CORDEL.....	29
3. O AMBIENTE DOS CORONÉIS PELA LITERATURA DE CORDEL .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	76

## INTRODUÇÃO

Peço aqui sua licença  
Seu coronel fazendeiro  
Para tratar de um assunto  
Importante por inteiro  
Vou falar dos coronéis  
Do Nordeste brasileiro<sup>1</sup>

Essa sextilha, por sua estrutura e pela métrica de seus versos, poderia estar abrindo o enredo de um poema em um livreto de cordel. Esse poema, assim como tantos outros “reais” com os quais me deparei, poderia trazer diversas imagens acerca dos líderes políticos locais que atendiam pela alcunha de coronel. Imagens construídas através de uma linguagem poética e simples, capaz de criar representações que ajudam ao leitor, letrado ou não, a visualizar e compreender como eram esses coronéis em seu tempo e espaços.

Já faz algum tempo, tenho me deparado com os veículos de comunicação ou até pessoas conhecidas e bem informados, utilizando o termo “coronel” como atributo de determinados líderes políticos da atualidade. Esse foi o caso do político baiano Antônio Carlos Magalhães, figura pública que vi ser tratado analogamente como “coronel” durante anos. Recentemente a revista *Caros Amigos*<sup>2</sup> trouxe, em sua reportagem de capa, uma matéria que, em seu título, se refere ao senador José Agripino como “neocoronel”. Mesmo sabendo que tais figuras públicas não são coronéis no sentido histórico do termo e que tratá-las assim seria apenas uma maneira de fazer analogia aos atributos dos antigos coronéis, é interessante refletir sobre os motivos que fazem com que o termo “coronel” habite de forma tão viva o imaginário das pessoas, a ponto de ser freqüentemente evocado. Sempre que me deparei com essas analogias, passei pela

---

<sup>1</sup> Versos do autor desta monografia.

<sup>2</sup> CAROS AMIGOS. São Paulo, Ed. Casa Amarela. Ano XII, n.133. abr 2008. p. 28 – 32.

inquietação de querer me aprofundar no tema a ponto de compreender quais fatores fazem com que até hoje, o termo seja utilizado para definir certas lideranças políticas, ou ainda, quais argumentos serviriam para esclarecer que tais lideranças **não são coronéis** no sentido literal do termo. Nessa linha de raciocínio, busquei desenvolver minha monografia a partir de uma pesquisa acerca do coronelismo, capaz de reconstruir aspectos sobre os antigos coronéis da primeira República, através das representações produzidas sobre essas personagens.

Ocorre que desde quando comecei meus estudos em História, sempre desejei produzir uma monografia que pudesse ser compreendida não apenas pelo leitor acadêmico, mas também pelo leigo que desejasse entender um pouco mais acerca dos coronéis que habitavam os sertões brasileiros. Vem daí a opção por realizar minha pesquisa a partir das representações produzidas pela literatura de cordel, importantíssima forma de literatura popular que produziu e produz em verso, crônicas quotidianas sobre os mais variados temas, sempre através de textos simples, feitos para serem entendidos pelos mais diversos tipos de leitor, textos riquíssimos em imagens e representações. Buscarei amalgamar as análises sobre os coronéis representados nos livretos, através da historiografia produzida sobre o tema, sempre objetivando a reconstrução das representações dos coronéis através dos versos da literatura de cordel.

Sobre o coronelismo, a historiografia mostra que, no ano de 1831, em pleno período regencial brasileiro, foi criada a Guarda Nacional para servir de sentinela à “constituição jurada” e substituir as antigas milícias existentes desde o período colonial, as ordenanças e as guardas municipais. Tal corporação possuía altíssimo grau de politização e baseava-se em uma estrutura altamente hierarquizada que tinha na patente de coronel a atribuição do comando político de um município ou região.

A princípio as patentes de coronel eram concedidas, sob forma de condecoração, a homens que gozassem de grande prestígio social e econômico. Geralmente, estes eram grandes



proprietários rurais. Com o passar do tempo tais patentes passaram a ser avaliadas em dinheiro, o que fez com que estas fossem concedidas àqueles que se dispusessem a pagar o preço estipulado pelo poder público. Independentemente da forma como fossem adquiridas, essas patentes estavam sempre ligadas ao poder econômico do seu detentor. Tal constatação colocava o latifúndio como elemento central do poder político municipal (ou regional).

O coronelismo baseou-se ideologicamente nas relações de dependência interpessoais e essa base edificou-se na construção de representações, a respeito da figura do coronel, que fossem capazes de reforçar a lealdade e a submissão por parte, não só dos trabalhadores rurais, mas também das populações dos municípios sob seu domínio, porém, não foram apenas mecanismos ideológicos que garantiram as relações de domínio e dependência entre o coronel e o povo. Durante o período de consolidação do coronelismo, as milícias que um coronel conseguisse arregimentar, faziam muita diferença no reconhecimento do poder que este iria exercer. Não podemos esquecer que, para fortalecer as relações de fidelidade e submissão com o povo local, o coronel oscilava entre os papéis de protetor/benfeitor daqueles que o apoiavam e de algoz de seus opositores, utilizando aí o seu poder para combatê-los, por vezes de forma implacável.

O coronelismo nasceu e viveu no espaço rural brasileiro, sobretudo nas regiões de culturas oligárquicas. As três primeiras décadas do século XX foram seu período mais representativo e talvez nesses anos, as representações da figura do coronel tenham se consolidado no imaginário popular. A literatura de cordel nos fornece uma grande quantidade de livretos que mostram a figura do coronel, hora de forma caricata e satírica, hora repleta de reverência e enaltecimento, proporcionando, assim, imagens capazes de “dar voz” ao imaginário popular acerca dos coronéis, seus papéis e sua importância.

O recorte temporal desse trabalho pretende abranger as três primeiras décadas do século XX, período em que a República se consolidava no país e como consequência, os coronéis

fazendeiros se reconfiguravam enquanto lideranças políticas locais, assumindo novos papéis inerentes ao advento da República. A respeito do coronel na República que se formava, Raimundo Faoro afirma que “O fenômeno coronelista não é novo. Nova será a sua emancipação no agrarismo republicano mais liberto das peias e das dependências econômicas do patrimonialismo central do império”<sup>3</sup>. Ibarê Dantas, em seu estudo sobre o coronelismo brasileiro a partir das lideranças do estado do Sergipe, reforça essa idéia:

O coronelismo é um fenômeno essencialmente republicano. Embora comece a gerar-se no império, nas relações de patronato rural com os libertos, alimentando-se nas formas de dominação pessoal, é na república que o coronelismo se realiza com todas as suas características.<sup>4</sup>

Os espaços percorridos por esse trabalho serão os sertões nordestinos, ou mais especificamente, sertões pertencentes à região que conhecemos hoje como Nordeste brasileiro. Dentre os cordéis selecionados, temos poemas com enredos situados nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia. Sabemos que o coronelismo fez-se marcante em outras regiões do Brasil, porém, a grande maioria dos livretos que representam o coronel, conta histórias que se passam nos sertões nordestinos. Tivemos a oportunidade de nos depararmos com livretos que falam de coronéis mineiros, paulistas ou gaúchos, porém, com a intenção de mantermos um padrão nas características dos espaços estudados, esses textos não foram selecionados para esse trabalho.

Os livretos analisados nesse trabalho foram obtidos a partir de uma visita que durou dois dias, ao acervo composto por cerca de 14.000 cordéis, pertencentes à Biblioteca Átila Almeida, na Universidade Estadual da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande. O

---

<sup>3</sup> FAORO, Raimundo. *Os Donos do Poder: Formação do patronato Político Brasileiro*. 3 ed. Rev. - São Paulo: Globo, 2001. p. 699.

<sup>4</sup> DANTAS, Ibarê. *Coronelismo e dominação*. Aracaju:UFS.1987. p. 19.

acervo dessa biblioteca pertenceu à coleção particular de Átila Almeida, um dos maiores pesquisadores brasileiros acerca da literatura de cordel. O acervo foi doado à Universidade Estadual da Paraíba em 2003 e está passando por processo de catalogação e classificação. Eu e minha esposa, Leda, viajamos para Campina Grande, depois de conseguirmos marcar por telefone, uma visita a esta biblioteca, mesmo sabendo que a mesma ainda não se encontrava aberta público. Ao saberem que éramos estudantes desenvolvendo pesquisa sobre os cordéis, os funcionários da universidade foram extremamente gentis e prestos em facilitar nosso acesso ao acervo da biblioteca. Lá, tivemos a oportunidade de ler e avaliar o conteúdo de cerca de 600 cordéis para, em seguida, selecionarmos e fotografarmos os 18 livretos que consideramos mais dotados de elementos representativos para esse trabalho.

Existem certas dificuldades na definição de datas de composição e edição dos livretos, assim como podem aparecer empecilhos na constatação de suas respectivas autorias. Tais fatos se devem à prática muito comum entre os editores de cordéis, de comprar os direitos autorais de livretos, às vezes até já antigos, e assumir-lhes a autoria. Assim sendo, existem cordéis com conteúdos ricos em representações para nosso trabalho, porém, sem data ou autor definidos. Optei então por selecionar os livretos estritamente por seus conteúdos. Os cordéis selecionados foram aqueles que traziam em seus versos, imagens que representassem coronéis através de elementos que nos permitissem situá-los no tempo e nos espaços estabelecidos para esse trabalho.

Irei utilizar os livretos de cordel como fontes primárias deste trabalho. Sete dos livretos selecionados estão datados dentro do período em que a figura do coronel ainda estava presente no cenário político nacional, cinco livretos foram produzidos após 1975, cordéis de um período mais recente e que retratam as representações remanescentes das imagens clássicas do coronel. Existem ainda os livretos sem data definida, mas, mantidos na pesquisa devido à riqueza dos seus elementos representativos.

Para tratar do coronelismo a partir de abordagens produzidas pela historiografia, utilizarei o livro *Os Donos do Poder: Formação do patronato Político Brasileiro*<sup>5</sup> de Raimundo Faoro, que descreve e discute o coronelismo, analisando os coronéis em seu âmbito econômico, político e social, na medida em que discute o cenário político agrário, existente na primeira metade do século XX.

Além de Faoro, será de extrema valia o livro de Ibarê Dantas, *Coronelismo e Dominação*<sup>6</sup> que analisa o coronelismo não apenas por suas relações políticas, mas também por suas relações sociais não capitalistas. Dantas rebate, em certo grau, os argumentos de Victor Nunes Leal em seu *Coronelismo, Enxada e Voto*<sup>7</sup>, haja vista que, enquanto Leal afirma que o voto seria o elemento primordial do coronelismo em todo o seu advento, Dantas defende que, na fase de consolidação do coronelismo (1900-1930), o elemento básico para manter a estrutura de dominação era a coerção, num segundo momento (1930-1945) seria o prestígio obtido pelas imagens construídas acerca dos coronéis e só em um terceiro momento (1945-1964) o elemento principal do coronelismo seria o voto. Seguirei, nesse trabalho, a linha teórica adotada por Dantas.

O livro do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, *Nordestino, Uma Invenção do Falo*<sup>8</sup>, nos dará base para analisar a idéia de que, o conceito de Nordeste e conseqüentemente uma identidade nordestina, estavam sendo construídos justamente no período que abrange o recorte temporal desse trabalho. Tais esclarecimentos nos serão valiosos para que o

---

<sup>5</sup> FAORO, Raimundo. Op. Cit.

<sup>6</sup> Dantas, Ibarê. Op. Cit.

<sup>7</sup> LEAL, Victor Nunes Leal. *Coronelismo, enxada e voto*. 9 ed. São Paulo: Nova Fronteira.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: Uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003.

leitor compreenda que, ao longo desse trabalho, estaremos chamando de Nordeste, uma região que, na época estudada, ainda não detinha por completo tais denominação e identidade.

Para entender a literatura de cordel em seu espaço maior de produção, o Nordeste, serão valiosíssimas às pesquisas da antropóloga Julie Cavignac, que em seu livro, *A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil*<sup>9</sup>, analisa os diversos aspectos referentes à produção dos cordéis no nordeste do Brasil, bem como as maneiras como essa literatura consegue representar modelos de sociedade, dando voz aos segmentos populares que os produzem e os consomem. Também serão de grande valor, os estudos do brasilianista norte-americano, Mark Curran, que aborda os usos da literatura de cordel como fonte histórica, através de seu livro *Historia do Brasil em cordel*<sup>10</sup>, além de alguns artigos de sua autoria. Essas análises serão imprescindíveis para nos ajudar a captar as potencialidades da literatura de cordel para a construção de representações sociais.

Este trabalho está ligado majoritariamente ao conceito de representações. Para trabalhar dentro dessa perspectiva, será importantíssima a linha teórica de Hayden White, que discute o uso da literatura como fonte histórica comparando as “verdades” existentes em textos historiográficos e romances literários, assim como nos serão igualmente importantes os artigos da historiadora Sandra Pesavento, que analisa as possibilidades do uso de literatura como fonte histórica. Ainda sobre representações, utilizarei Roger Chartier e seu artigo *O Mundo como Representação*<sup>11</sup>, que em seu discurso metodológico, nos fornece importantíssima base teórica para que se possam analisar as construções das representações, dando subsídios para entender tais visões a partir dos grupos sociais que as produziram.

---

<sup>9</sup> CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no nordeste do Brasil*. Título original: La littérature de colportage au nord-est du Bresil. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006.

<sup>10</sup> CURRAN, Mark J. *Historia do Brasil em Cordel*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext)>, Acesso em 14/04/2008.

Em termos estruturais, esse trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro capítulo tem a intenção de discutir o uso das mais diversas formas de literatura como fonte histórica, através da captação de representações que produzam percepções e impressões a respeito do objeto estudado. Levaremos essa discussão a desemborcar naturalmente em uma análise sobre a literatura de cordel, através de um levantamento que responderá a questões acerca de como são livretos, quem eram seus autores, como eram produzidos, onde eram declamados e comprados, quem os comprava e, principalmente o que traziam em seus preciosos e despretensiosos conteúdos. Veremos o quanto o cordel pode ser rico em imagens que representem o cotidiano do nordeste brasileiro e como essas representações poderão nos servir na tarefa de reconstruir o estereótipo dos coronéis da República velha.

O segundo capítulo pretende analisar as imagens contidas nos poemas cordelistas a respeito dos coronéis sertanejos, para tanto, iniciaremos o capítulo contextualizando o leitor acerca do coronelismo seus coronéis, através da historiografia produzida sobre o assunto. Em seguida, passaremos a utilizar fragmentos de diversos poemas para analisar a forma como esses trazem imagens que representem os coronéis aos olhos do imaginário popular. Buscaremos nas representações obtidas, não só imagens dos coronéis, mas também a forma como esses poemas representaram seus poderes, mostrando assim, a maneira como o povo percebia e sentia as diversas formas de poder atribuídas a seus líderes locais.

No terceiro capítulo, partiremos da premissa de que os coronéis representados pela literatura de cordel estão inseridos em um tempo e em diversos espaços, repletos de elementos que ajudam a remontar o ambiente do universo em que esses coronéis viviam. Analisaremos, através de imagens retiradas de fragmentos dos poemas, como eram as representações dos elementos que configuravam o “onde” e o “quando” acerca do cotidiano desses fazendeiros. Os poemas nos permitirão analisar imagens capazes de refletir como eram as fazendas, os herdeiros,

os vaqueiros, os cangaceiros e o próprio sertão, reconstruindo as formas com as quais as representações dos coronéis se cruzam com as representações de cada um desses elementos. Nossa intenção será reunir essa coleção de elementos representativos com o fim de compreender como os poetas populares viam seus coronéis inseridos em seus respectivos ambientes.

No segundo e no terceiro capítulos, adotaremos como padrão, a construção de análises que combinem os fragmentos de cordel com textos historiográficos a fim de que essas duas formas de fontes possam se complementar e enriquecer as abordagens. Outro padrão adotado, com o objetivo contextualizar o leitor acerca dos conteúdos dos poemas analisados, será o de realizarmos a sinopse da história trazida pelo poema, sempre que um cordel esteja sendo analisado pela primeira vez no trabalho.

## 1 A LITERATURA E OS POEMAS DE CORDEL COMO FONTES HISTÓRICAS

Coronel e capitão  
 Que dominavam o sertão  
 Tinha mais bandidos  
 Que o cangaceiro Lampião  
 Possuíam armas e munições  
 Que dava para um batalhão

Cada um capitão  
 Era um grande fazendeiro  
 Cada um tinha uma patente  
 Comprada com dinheiro  
 Cada subordinado dele  
 Era um tirano cangaceiro<sup>12</sup>

As duas sextilhas transcritas acima pertencem a um livreto de cordel datado de 1980, *Os Coronéis do Nordeste*, do autor José Severino Cristóvão. Não é por acaso que decidimos iniciar esse capítulo com esse fragmento, mesmo antes de qualquer contextualização acerca da literatura de cordel ou dos seus usos como fonte histórica. Nesse livreto, antes de iniciar o poema, o autor apresenta, em prosa, uma página de apresentação com uma espécie de autobiografia onde, entre outras coisas, afirma ser filho de cangaceiro e “profundo pesquisador da história do cangaço”<sup>13</sup>, além de anunciar que, em seu poema, irá “colocar em pratos limpos tudo o quanto ele sabia a respeito dos coronéis do Nordeste. Citando nomes e fatos[...]”<sup>14</sup>. Independentemente da possibilidade ou da intenção de constatarmos a veracidade daquilo que é contado pelo autor, em sua apresentação ou nos versos do poema, temos logo nas primeiras sextilhas, um conjunto de representações das quais poderíamos extrair aspectos e realizar análises. Em apenas doze versos temos imagens que refletem elementos tais como a compra de patentes, as fazendas dos detentores dessas patentes, as milícias desses homens, seus respectivos armamentos, além das referências ao cangaço. É partindo desse rico potencial de representações trazidas pelos poemas

<sup>12</sup> CRISTÓVÃO, José Severino. *Os Coronéis do Nordeste*. Pernambuco: [s.n.], 1980. p. 07-08.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.03.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.03.



de cordel que iremos nortear nosso trabalho. Antes, porém, façamos a partir de alguns teóricos, uma breve análise acerca do uso, não só do cordel, mas, de todo o tipo de literatura como fonte de representações que podem ser utilizadas por historiadores em suas pesquisas.

O uso da literatura como fonte para o estudo da história de determinado evento, local ou período, pode vir a ser um caminho para reconstruir circunstâncias, contextos, acontecimentos, hábitos, crenças e costumes. Nos últimos tempos, imagens e representações encontradas nas obras literárias tem auxiliado historiadores a compreender em detalhes os aspectos, impressões e sensibilidades acerca do seu objeto de estudo.

Sandra Pesavento, em seu livro *História e história cultural*, defende que a literatura pode ajudar ao historiador a responder questões através do resgate de representações do passado, que funcionariam como ricas fontes históricas. É através dessas representações que o historiador será capaz de resgatar aspectos sociais e culturais que normalmente só são encontrados através dos conteúdos encenados nas obras literárias. De acordo com a autora:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprios, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.<sup>15</sup>

Para Roger Chartier, um texto literário ou não, pode assumir sentidos e significados distintos a depender de quem o lê e da forma a qual essa leitura se dá em seu contexto. Assim,

Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo horizonte: Autêntica, 2005. p. 80.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. p. 06.

Temos então que o uso de determinada literatura, com fins de pesquisa prevê antes de tudo, uma compreensão da história dessa literatura, para quem ela se destinava e em quais espaços ela se insere, “No espaço assim traçado se inscreve todo trabalho situado no cruzamento de uma história das práticas, social e historicamente diferenciadas, e de uma história das representações inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos”<sup>17</sup>. Sendo assim, quando tratamos, por exemplo, da literatura popular do Nordeste do Brasil, não podemos deixar de diferenciar os sentidos que essa leitura ganha quando estão sendo lidas pelo homem simples que adquiriu um livreto na feira ou pelo intelectual que compra o poema com a intenção de analisá-lhe as formas de representação social.

O historiador Hayden White, discute em artigos publicados em seu livro *Tópicos do Discurso – Ensaio sobre a crítica da cultura*, o uso das obras literárias de ficção como forma de resgatar representações históricas acerca de determinado tempo e espaço. Para White, tanto historiadores quanto escritores de romances, mesmo com objetivos diferentes para suas respectivas produções, utilizam-se do mesmo aparato retórico para compor os seus textos. Assim, mesmo aos olhos de leitores atentos, muitas histórias poderiam se passar por romances, bem como muitos romances serviriam para contar histórias.<sup>18</sup> White reforça tal argumento afirmando:

Ambos [historiadores e escritores literários] desejam oferecer uma imagem verbal da “realidade”. O romancista pode apresentar sua noção desta realidade de maneira indireta, isto é, mediante técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe por detalhe a algum domínio extratextual de ocorrências ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem da realidade assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana, que não é menos “real” do que o referido pelo historiador.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 07.

<sup>18</sup> WHITE, Hayden. Op.cit. p. 138.

<sup>19</sup> Ibid., p.138.

Se é possível estabelecer tais relações entre historiografia e romance, o que dizer então do uso de literatura popular, escrita em verso, por poetas que se propõe a escrever sobre os mais diversos acontecimentos ligados à seu meio social? White responde a esse questionamento:

Quer os eventos representados num discurso sejam interpretados como partes diminutas de um todo molar, quer como possíveis ocorrências dentro de uma totalidade perceptível, o discurso tomado na *sua* totalidade como imagem de alguma realidade comporta uma relação de correspondência com aquilo *de que* ele constitui uma imagem. É nesse duplo sentido que todo discurso escrito se mostra cognitivo em seus fins e mimético em seus meios. E isso vale também para o discurso mais lúdico e aparentemente mais expressivo, para a poesia tanto quanto para a prosa e até aquelas formas de poesia que parecem querer apenas iluminar a própria “escrita”.<sup>20</sup>

Nesse capítulo discutiremos o uso dos poemas produzidos pela literatura de cordel, com o objetivo de reconstruir e compreender aspectos de determinados tempo e espaço, através do resgate das representações que suas imagens produziram. Para tanto, procuraremos primeiramente, entender o que é a literatura de cordel brasileira através de sua trajetória na história. Buscaremos compreender quem eram seus autores, como os livretos eram produzidos e consumidos, quais eram seus espaços e como essa literatura foi se adaptando às mudanças poéticas e editoriais do século XX.

Começemos por contextualizar a literatura de cordel no tempo e no espaço. Segundo

Julie Cavignac,

É no agitado contexto histórico do final do século XIX que nasce a literatura de cordel; Os primeiros poetas, testemunhas e simultaneamente atores, farão a crônica regular das metáforas dessa época. A produção em série e sua venda tornam-se possíveis graças às comunicações existentes entre o litoral e o sertão – boiadas, tropas, trens, etc. – e as feiras locais. Os poetas se beneficiam então da instalação de uma rede de distribuição de objetos manufaturados produzidos no litoral e do nascimento de uma vida econômica local.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Ibid., p.138.

<sup>21</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.127.

Complementando nossa contextualização, temos, segundo o brasilianista norte-americano Mark J. Curran:

A literatura de cordel do Brasil é basicamente uma literatura híbrida de formas populares e folclóricas. Por um lado, está escrita com a autoria indicada, impressa em folhetos de papel frágil e barato e vendida nas praças, feiras e esquinas de rua de muitas cidades e vilas do Brasil. Por outro lado, suas raízes são também folclóricas: muitos de seus temas, suas formas métricas, e, sua apresentação na feira vêm da tradição oral do Nordeste do Brasil. Dessa forma, o poeta popular de feira tem muito em comum com o cantador do Nordeste do Brasil, o poeta “oral” que compõe e canta versos improvisados na feira em forma de desafio, fenômeno velhíssimo da tradição poética ocidental.<sup>22</sup>

A literatura de cordel, na forma como se conhece hoje, tem sua origem no final do século XIX, na região que hoje conhecemos como Nordeste brasileiro. Vale refletir que o recorte regional que conhecemos hoje como Nordeste, ainda estava sendo paulatinamente criado e assimilado nas três primeiras décadas do século XX, assim como, segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior, “O tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX, surgindo quase ao mesmo tempo que o recorte regional Nordeste”<sup>23</sup>. Albuquerque Junior afirma que o conceito de Nordeste enquanto região, foi criado por “uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as elites do norte, a partir do final do século XIX”<sup>24</sup>. Esse movimento regionalista para a criação de uma região com uma identidade não só espacial, mas social, cultural e artística, propunha reforçar as reivindicações para que o governo aumentasse os investimentos na região, uma vez que, essa área experimentara um declínio econômico a partir do final do século XIX e como consequência, amargou uma progressiva subordinação econômica ao sul do país. Albuquerque Junior ainda considera que o

---

<sup>22</sup> CURRAN, Mark J.. *A Literatura de Cordel: Antes e Agora*. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01475176655936417554480/p0000013.htm>>, acesso em 28/03/2008. p.01.

<sup>23</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op.cit. p. 149.

<sup>24</sup> Ibid., p. 150.

nordestino, enquanto tipo regional, vai sendo elaborado a partir da década de 1920 e que os primeiros cordéis que fazem uso do termo datam do final da década de 1930<sup>25</sup>, assim, podemos concluir que o sertanejo simples da região, ainda não havia assimilado para si a idéia de que era um nordestino. Assim, estaremos sempre nos referindo à literatura de cordel como uma manifestação popular nordestina, tendo em mente que o próprio conceito de nordestino se desenvolveu num período em que os livretos já eram produzidos e consumidos por grande parte das populações sertanejas.

Os livretos de cordel, pequenos (mais ou menos do tamanho de  $\frac{1}{4}$  de folha de papel ofício), produzido com papel tipo “brochura” (papel de Jornal) e capa de papel um pouco melhor, trazem poemas que podem vir em estrofes de seis (sextilhas) ou sete (septilhas) versos, geralmente compostos de oito sílabas. São bem mais raros os poemas compostos de dez versos, métrica bem mais complexa embora bastante apreciada pelos estudiosos dessa literatura. Nas primeiras décadas do século XX, os livretos podiam conter 8, 16, 32, 48 e até 64 páginas e dependendo do número destas, esse podia receber denominações diferentes. Os livretos de oito páginas eram chamados de *folhetos*, os de 16 páginas eram conhecidos como *romances* e geralmente tratavam de aventuras ou assuntos amorosos, os cordéis de mais de 32 páginas eram simplesmente chamados de *história* e eram geralmente escritos pelos melhores poetas<sup>26</sup>, além de trazerem conteúdo mais complexo e narrativa mais rica. Hoje, devido a fatores ligados principalmente ao custo de produção, a maioria dos folhetos possui oito páginas.

Outro ponto importante de se ressaltar a respeito dos livretos, é a forma como eram compostas suas capas. Existem diversas pesquisas e estudos publicados especificamente a respeito das capas dos cordéis. Essas, geralmente trazem em seu topo o título do poema e logo

---

<sup>25</sup> Ibid., p.151.

<sup>26</sup> LUYTEN, Joseph. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.46.

abaixo o nome do autor (ou do autor proprietário). No centro da capa, de forma destacada, encontraremos uma imagem relacionada ao enredo do poema.

A respeito das figuras contidas nas capas dos livretos, Curran destaca:

Mais importante para as vendas, para atrair o freguês, é a ilustração que aparece no meio da capa. Existe uma história comprida e interessante sobre as ilustrações de capa dos folhetos de cordel, mas sabe-se que no começo se usavam os próprios tipos de imprensa para enfeitar a capa. Durante o momento áureo do cordel dos anos 20 até fins dos 50 no Nordeste com uma grande gráfica (e empresa) no Recife, e, mais tarde em Juazeiro do Norte (Ceará), lugar de romaria popular para o pessoal de todo o Nordeste do país, dominava por completo o clichê de retratos de artistas do cinema dos Estados Unidos e estampas de postais românticos da época. No entanto, da década de 60 até o momento atual domina a xilogravura popular feita por artistas folclóricos ou populares, sendo esta ainda a forma que agrada mais ao comprador novo no mercado ou feira.<sup>27</sup>

A discussão sobre os autores dos cordéis e suas características merece certo cuidado a fim de que se possam compreender as questões que envolvem a autoria e a produção dos livretos. Nos tempos atuais, temos parte da produção de poemas de cordel composta por autores relativamente intelectualizados, muitas vezes moradores das capitais, ligados às raízes do cordel através de pesquisas cujo objetivo muitas vezes é resgatar e preservar a literatura popular. Podemos citar como exemplo, o advogado, jornalista e escritor baiano, Franklin Maxado, autor de 125 livretos. Na primeira metade do século XX, porém, o perfil que encontramos na maior parte dos mestres cordelistas é o *dô* homem humilde, nascido no sertão, com pouca instrução intelectual e o “dom” intuitivo da poesia. Temos nesse elenco, grandes nomes como Rodolfo Coelho Cavalcante, José João dos Santos (Azulão), José Severino Cristóvão e o grande editor e autor João Martins de Athayde. Sobre esses autores Curran reflete:

O autor antigo provavelmente era de poucos estudos formais, talvez um ou dois anos de escola primária. Existem anedotas sobre poetas analfabetos que pediam

---

<sup>27</sup> CURRAN, Mark J.. *A Literatura de Cordel: Antes e Agora*. p. 05.

a outros letrados que lhes “pusessem no papel” seus versos orais, mas claro que eram uma pequena minoria. De raízes rurais nordestinas (uma das características do cordel tradicional é o sabor da terra com os costumes da mesma, isto visto nos temas e ainda no léxico utilizados), raízes católicas e conservadoras, o poeta geralmente via o mundo de um ponto de vista “folclórico” isto é, de uma cosmovisão incluindo a luta do Bem e do Mal<sup>28</sup>.

Esses autores viviam e conheciam as realidades do sertão nordestino, portanto, imprimiam em seus versos imagens do cotidiano através de representações que davam voz ao povo sertanejo humilde – principal consumidor dos livretos de cordel. Vale ressaltar que esses autores, apesar de conscientes de sua condição humilde, não eram politizados e muitas vezes representavam em seus versos as diferenças entre humildes e poderosos, fazendeiros e camponeses, a partir da visão que seu nível de informação lhe permitia. Assim, segundo Curran:

Era, na terminologia atual, da classe dominada, mas, não via o mundo de uma perspectiva conscientizada. Sofrimento, sim, pobreza e miséria, com certeza; estes os autores bem conheciam. Podia culpar os ricos, os donos de terra (o que os poetas folclóricos já fazem há séculos no folclore mundial), mas ainda não se expressavam em termos de uma luta concreta de classe.<sup>29</sup>

Ainda assim os poetas de cordel produziam representações ricas a partir de suas próprias leituras da realidade e dos acontecimentos. Não são raros os exageros e distorções adotados com o fim de tornar as histórias atraentes ao público, porém, “Se a transmissão oral deforma o relato, ela enriquece e religa a outros níveis da realidade empírica. É portanto na palavra enunciada que se deve pesquisar o alcance dessa história.”<sup>30</sup>. Não menos importante é lembrar que os poetas do cordel antigo acreditavam que o “dom” da poesia vinha junto com a missão de dar “voz ao povo” e para continuar vivendo de poesia, eles tinham que produzir histórias que agradassem a um grande número de pessoas.

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 06.

<sup>29</sup> Ibid., p. 07.

<sup>30</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.75.

Ligado à idéia de ser a “voz do povo” é o fato de que muitos dos poetas principais do cordel brasileiro eram e ainda são conscientes da tarefa nada fácil de agradar às massas, ao povo leitor. Muitos admitiam que se não agradecessem com seus versos, tampouco iriam vender os livrinhos. E, se não vendessem bem, teriam, por força, de “sair do ramo”.<sup>31</sup>

Os poemas eram geralmente impressos em editoras localizadas em cidades grandes do litoral (como Recife) ou em centros onde a circulação e venda de cordéis justificassem a abertura de uma empresa só para esse fim (destaca-se aí, Juazeiro, no Ceará e Campina Grande, na Paraíba). Alguns autores passaram a usar o que ganhavam com a venda dos livretos na abertura de suas próprias editoras, tornando-se assim empresários do cordel;

Os [autores] de mais sucesso de vendas logo descobriam que se pudessem imprimir além de escrever seus livrinhos, a coisa se melhorava. Leandro Gomes de Barros primeiro, e depois o grande “empresário de cordel”, João Martins de Ataíde, são casos concretos.<sup>32</sup>

Vem daí o conceito de “autor proprietário”. Era prática comum que alguns autores/editores comprassem os direitos autorais de determinados poemas, pagando ao poeta em dinheiro ou em lotes de livretos que seriam declamados e vendidos nas feiras livres. Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataíde e João José da Silva estão entre os maiores exemplos de editores que compraram, ao longo de suas carreiras, os direitos de centenas (ou milhares) de livretos, assumindo suas respectivas autorias.

A partir da década de 1920 surgem várias [editoras], como a Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, em Juazeiro do Norte, Ceará. Entretanto, o domínio comercial pertenceu à de João Martins de Athayde, especialmente desde a aquisição do direito de propriedade sobre a obra de Leandro Gomes de Barros, em 1921. Após incorporar o acervo de Athayde em 1948, a Tipografia São Francisco torna-se a principal, chegando a distribuir o material por via aérea.

---

<sup>31</sup> CURRAN, Mark J.. *A Literatura de Cordel: Antes e Agora*. p. 07.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 07.



Duas folhetarias, até 1964, disputam o segundo lugar: em Campina Grande, A Estrela da Poesia, de Manoel Camilo dos Santos, e em Recife a Luzeiro do Norte, de João José da Silva. Nota-se, portanto, o estabelecimento de grandes folhetarias no período de 1920 a 1950, ao lado de pequenas, com uma estrutura de revenda organizada.<sup>33</sup>

A prática de comprar os direitos autorais dos livretos cria dificuldades para pesquisadores que precisem estabelecer a autoria e a data de composição dos livretos. Para exemplificar tais dificuldades, podemos citar que cinco dos cordéis selecionados para esse trabalho são do autor proprietário João José da Silva. Esses livretos, impressos na folheteria *Luzeiro do Norte*, não vinham com data de composição nem de edição, além é claro de não dar créditos ao autor original. Nesses casos, o que se pode levantar é que os folhetos foram impressos entre 1953 e 1964 (tempo em que a editora funcionou) e que os poemas podem ter sido compostos em períodos anteriores ao de abertura da editora.

As feiras livres dos municípios sertanejos consistiam no espaço principal para a aquisição dos folhetos e como muitos daqueles que adquiriam um cordel não eram alfabetizados, a recitação dos textos em praça pública era prática necessária para despertar o interesse das pessoas. Assim, “Mesmo que se trate de uma literatura escrita, a transmissão do cordel é essencialmente oral: analfabetos compram regularmente os folhetos e pedem a um vizinho que os leiam.”<sup>34</sup>, aliás, não são raros os casos em que grupos familiares se juntavam para ouvir o enredo de um poema, lido em voz alta pelo membro mais habilidoso na prática da recitação.

Quanto ao conteúdo dos poemas, os cordéis traziam verdadeiras crônicas dos acontecimentos locais, nacionais ou em casos mais raros, internacionais, representados da forma como eram vistos por seus autores e esses por sua vez, geralmente construíam narrativas com

---

<sup>33</sup> [www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese20a.rtf](http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese20a.rtf)

<sup>34</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.71.

conteúdos e formatos que faziam com que o povo local se identificasse com o que estavam lendo (ou ouvindo). Nesse ponto a literatura de cordel assumia função informativa, fazendo o papel de uma imprensa por vezes inacessível às camadas populares do sertão e permitindo assim, que “homens dispersos no espaço e “fechados” nas fazendas encontram, ao comprar os folhetos, a oportunidade de saber das últimas novidades ou de trocar uma moeda por um pouco de sonho.”<sup>35</sup>.

A respeito do valor informativo do cordel Curran reflete:

O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia. É um intermediário para um amplo processo de comunicação que sem ele, em muitos casos não se completa. Ajuda a integrar à vida nacional comunidades que não foram ainda atingidas pelos modernos veículos de comunicação. Serve também, em vários casos, de avãlista para notícias publicadas pelos jornais ou transmitidas pelo rádio e pela televisão porque, muitas vezes, o leitor lhe dá mais crédito.<sup>36</sup>

A literatura de cordel acumulava então, os papéis de informar, divertir e em certos casos registrar acontecimentos históricos, nos permitindo, anos mais tarde, resgatar diversos elementos da história e da cultura do sertão nordestino através de imagens que, apesar de idealizadas e estereotipadas, reconstroem com certa fidelidade o tempo, o ambiente e o contexto em que os enredos dos poemas se passavam. Assim, segundo Cavignac:

Essa literatura apresenta duas características essenciais. Antes de tudo, embora se trate de poesia, o folheto é essencialmente relato: apesar de sua representação em versos, ele se aproxima mais do conto, do que da poesia. Ademais, são narrativas fortemente estruturadas que podem ser analisadas segundo um método apropriado. Como a lista dos assuntos tratados pela literatura de cordel é infinita, é preciso então um método suscetível de englobar o conjunto dos textos, ao mesmo tempo em que se dê conta da diversidade dos temas abordados. E se esses parecem ilimitados, correspondem, outrossim, à realidade cultural e social do sertão.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> CAVIGNAC, Julie. *Op.cit.* p.127.

<sup>36</sup> CURRAN, Mark J.. *Historia do Brasil em Cordel.* p.25.

<sup>37</sup> CAVIGNAC, Julie. *Op.cit.* p.75.

Sendo assim, a utilização de representações “resgatadas” a partir das imagens contidas nos poemas de cordel, com a finalidade de compreender o sertão nordestino em seus tempos, espaços e contextos, torna-se não só possível como bastante rica em possibilidades. Nesse ínterim, mesmo nos poemas mais estilizados, partindo de visões particularizadas do poeta, sabendo que o conteúdo hora lúdico, hora trágico dos poemas, vem geralmente carregados de exageros, generalizações e imagens estereotipadas, podemos perceber a encenação dos elementos primários da história da cultura sertaneja.

Como toda a criação literária, o folheto de feira informa sobre a sociedade do interior do nordeste. Mas isso não passa de um reflexo porque já trata de uma interpretação do poeta. Não é preciso, portanto, procurar, ao se estudar os textos, uma descrição fiel das estruturas sociais ou das práticas próprias aos sertanejos, mas antes sua encenação: serão achados, ao longo das narrativas, valores, representações simbólicas e um imaginário próprio à cultura.<sup>38</sup>

Curran, em seu livro *História do Brasil em Cordel*, afirma ter tido seu primeiro contato com os livretos de feira nos anos de 1960. Sobre a reconstrução de aspectos da história e da cultura do país através das representações encontradas na literatura de cordel, o autor declara:

O que o cordel me ensinou a respeito do Brasil? Aprendi sobre seu povo através de um elenco de personagens tanto humildes quanto nobres do Nordeste do país, mas também sobre a própria Nação. Os eventos do século XX ficaram espalhados à minha frente, em centenas de livrinhos de versos, que relatavam desde pequenos fatos relativamente insignificantes da vida nordestina, seja da vila do interior, seja das cidades costeiras importantes, até os principais eventos nacionais e alguns internacionais. Mas havia muito mais. Aprendi sobre os mores sociais, o comportamento esperado e inesperado, os valores morais e religiosos, as tradições; e vi sobretudo as mudanças ocorridas ao longo do século.<sup>39</sup>

A partir das potencialidades oferecidas pela literatura de cordel como meio de representação da vida e da cultura nos sertões nordestinos, buscaremos reconstruir o estereótipo

---

<sup>38</sup> Ibid., p.75.

<sup>39</sup> CURRAN, Mark J.. *Historia do Brasil em Cordel*. p.12.

dos coronéis fazendeiros da República velha, aqueles que mandaram na política local, dominaram as relações sociais e tiveram sua força e seus poderes legitimados não só pelas autoridades governamentais, por suas terras ou por suas milícias, mas, sobretudo, pela construção de imagens coletivas que conferiam a esses líderes o reconhecimento por parte das populações locais, imagens essas que habitam até hoje no imaginário popular.

## 2 OS CORONÉIS E SEUS PODERES PELA LITERATURA DE CORDEL

Os estudos realizados por historiadores, sociólogos, antropólogos, acerca do fenômeno político-social conhecido como coronelismo, produziram diversas conceituações e abordagens aplicáveis à figura dos líderes locais, conhecidos como coronéis. Buscaremos ao longo desse capítulo, entender quem eram esses coronéis e quais características eram atribuídas a eles, primeiramente, à luz de alguns estudos historiográficos sobre o tema. Esse entendimento nos será fundamental para que possamos analisar o estereótipo dos coronéis no imaginário das pessoas que viviam em seus tempo e espaços. Logo em seguida, discutiremos suas imagens e representações produzidas pela literatura de cordel. Nosso foco, como já delimitamos anteriormente, estará sempre voltado ao intuito de compreender as representações, criadas pela literatura de cordel, a cerca dos coronéis que dominaram politicamente e socialmente os sertões nordestinos, nas três primeiras décadas do século XX.

Abordaremos não só as representações construídas acerca da figura dos coronéis, como também as imagens com as quais foram representados seus poderes e suas respectivas formas de reconhecimento. Ao final do capítulo teremos discutido diversos aspectos relativos à forma como os coronéis eram representados sob a ótica dos poetas populares nordestinos da literatura de cordel.

Começemos por verificar uma descrição acerca dos coronéis da primeira República, através de Raymundo Faoro, em seu livro *“Os donos do poder”*:

Homens ricos ostentando vaidosamente seus bens de fortuna, gastando rendimentos em diversões lícitas e ilícitas – foram tais ‘coronéis’ que deram ensejo ao significado especial que tão elevado posto militar assumiu designando demopsicologicamente ‘o indivíduo que paga as despesas’. E assim penetrou o vocábulo ‘coronelismo’ na evolução político-social do nosso país, particularmente na atividade partidária dos municípios brasileiros.

.....

O coronel antes de ser um líder político é um líder econômico, não necessariamente como se diz sempre, o fazendeiro que manda nos seus agregados, empregados e dependentes.<sup>40</sup>

Sobre os elementos básicos do coronelismo, Ibarê Dantas, em seu livro "*Coronelismo e Dominação*", conceitua:

Com o fim de destacar os elementos fundamentais do coronelismo, podemos conceituá-lo como uma forma de representação política exercida por determinados proprietários sobre os trabalhadores rurais, ao tempo em que se impõem entre as massas do campo e as oligarquias estaduais, tendo como objetivo a manutenção da estruturas de dominação.<sup>41</sup>

Assim, podemos constatar que os coronéis que habitavam a região hoje conhecida como Nordeste brasileiro, nas primeiras décadas da República velha, eram geralmente poderosos latifundiários, dotados de grande poderio econômico. Seu poder político-social viria por um lado pela legitimação de sua liderança local por parte das autoridades governamentais, por outro, devido à sua força de dominação das massas populares do campo, seja por relações de dependência e apadrinhamento, seja pelo poder de coerção produzido através de suas milícias. A construção de imagens capazes de legitimar o domínio dos coronéis junto às populações locais, consistia em uma das formas de auxiliar na manutenção de seus poderes.

Correlacionada com a dimensão econômico-social, atua a dimensão **ideológica** [grifo do autor]. Esta apresenta-se como um conjunto mais ou menos coerente de idéias e representações, muitas vezes veiculadas através de normas que reforçam laços de lealdade e práticas de submissão. Dentro de um universo semi-fechado o controle das informações pelo senhor se torna elemento vital para a preservação dos padrões de dominação e manutenção das relações de dependência pessoal.

---

<sup>40</sup> FAORO, Raimundo. Op.cit.. p.699-700.

<sup>41</sup> DANTAS, Ibarê. Op.cit.. p.18.

As diversas formas de representação dos coronéis, produzidas desde o início do século XX pelas poesias de cordel, embora se mostrem, por vezes, como “reflexos” dos coronéis do mundo real, trazem uma enorme riqueza de características e aspectos que nos ajudam a entender melhor a intrincada rede de relações que compõe o fenômeno do coronelismo. Além disso, os poemas de cordel nos permitem um ângulo de visão de certa forma privilegiado, principalmente se o objetivo for entender como as massas populares sertanejas viam seus líderes políticos locais.

Vale observar que o coronelismo republicano e a literatura de cordel no Brasil são praticamente contemporâneos se levarmos em conta que, conforme já dissemos anteriormente, a literatura de cordel, no Brasil, nasceu no final do século XIX, portanto, no período em que o coronelismo se caminhava para seu período de consolidação. Notemos também que nos anos que marcam o fim do Império e o início da República, temos de um lado, os sertões nordestinos do Brasil com sua vida agrária e sua população intimamente ligada à figura dos grandes fazendeiros, através de relações de obediência, dependência e fidelidade. Por outro lado temos os livretos de cordel sendo vendidos e recitados nas feiras livres, ganhando força e despertando o interesse popular, divertindo ou informando a população local acerca dos últimos acontecimentos mas, principalmente, habitando o mesmo espaço físico e social dominado pelos coronéis.

Dessa combinação, surgem livretos com poemas direta ou indiretamente centrados nas imagens do “coroné”. Nesses textos, o autor se apropria da figura de grandes fazendeiros, alguns existentes, outros fictícios, para contar sagas que trazem em sua essência diversos elementos da vida cotidiana do sertão.

Sabemos que a história do sertão nordestino durante a velha República, é composta por um universo extremamente multifacetado de interpretações e abordagens, tanto por parte da historiografia quanto pela literatura popular. Nos livretos que tratam dos coronéis, encontraremos apenas parte das facetas desse universo, geralmente orientados pela forma como o povo vive e

sente essa realidade. Por tratar-se de obras literárias, é comum que os poetas utilizem “seus” coronéis - estamos aqui trabalhando a idéia de uma apropriação do estereotipo do coronel por parte do poeta - para cumprir algum objetivo maior ao protagonizar enredos que, não raro, tem uma mensagem moral no final, com uma finalidade a ser alcançado pelo escritor. Julie Cavnac nos esclarece:

Ademais, a interpretação do poeta ou do narrador acrescenta uma dimensão suplementar à simples descrição de um acontecimento: o interesse reside aqui, então, no tratamento simbólico dos dados, mais do que na veracidade do fato. Além disso, a subjetividade individual intervém na escolha do acontecimento evocado e no processo de criação pessoal, possuindo alguns, mais do que outros, talento de contador.<sup>42</sup>

Uma das formas mais comuns de representação encontrada nos poemas populares a respeito do coronel é aquela em que o coronel é mostrado apenas sob aspectos extremamente positivos ou por exacerbados aspectos negativos, a depender da intenção do poeta para com o enredo de sua história. Assim sendo, é comum encontrarmos poemas que mostram fazendeiros fortes e de caráter irretocável, benevolentes e protetores. Isso ocorre quando a finalidade é exaltar a imagem dos coronéis como grandes líderes e homens. Em contrapartida, existem os livretos que mostram coronéis cruéis usando de força desmedida ou de suas milícias particulares para auxiliá-lo em sangrentas demandas, acertos de contas ou na derrota de adversários e inimigos. Para exemplificar esse argumento, utilizaremos fragmentos de dois poemas que ilustram de forma bastante interessante, coronéis representados apenas por seus aspectos positivos ou negativos.

No primeiro exemplo, temos um caso clássico e recorrente na literatura de cordel: O livreto de homenagem póstuma. Nesse livreto de oito páginas, escrito na Bahia por Augusto de Souza Lima (conhecido também como Limeira da Bahia), no ano de 1963, o poeta apresenta, em sextilhas, sua homenagens ao coronel João Maria, líder político que viveu em Serra Negra de

---

<sup>42</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p. 33.



1900 a 1963, relacionando seus grandes feitos em vida e mostrando como seu povo está condoído por seu falecimento. Nesse tipo de poema, só os elementos positivos do homenageado são levados em conta e não raro, são exagerados para conferir-lhe maior grandeza e prestígio.

Os rádios anunciaram  
A morte de João Maria  
Sexta-feira às duas horas  
Um falava outro dizia  
-Morreu grande baiano  
Está de luto a Bahia!

Acabou-se João Maria  
Deixando o povo enlutado  
Jamais será esquecido  
O seu nome no estado  
Foi um chefe na política  
Bom, querido e respeitado <sup>43</sup>

O poema fala, na maior parte do texto, sobre a forma como as pessoas de Serra Negra estão tristes pela perda do grande homem. Em alguns trechos, o poeta fala de suas qualidades em vida e cita o legado deixado pelo coronel:

Baseado pelo código  
Da justiça e da razão  
Era muito caridoso  
Homem de sim e de não  
Respeitava bons e maus  
Até mesmo Lampião  
.....  
Nos braços de sua irmã  
Morreu muito satisfeito  
Deixando seu nome honrado,  
Seu filho, doutor, prefeito,  
Com patente, terra e gado,  
E valor do mesmo jeito.<sup>44</sup>

Notemos que, nas duas sextilhas anteriores, valores como “nome honrado” e “respeitar a bons e maus” são colocados ao lado de outros tais como a garantia de uma continuidade vinda através do filho prefeito que, além de doutor, herdou do coronel “patente,

<sup>43</sup> LIRA, Augusto de Suoza. *Lamentável morte do Cel. João Maria*. Bahia: [s.n.], 1963. p. 2-3.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.5,2 .

terra e gado”. O poeta menciona que o coronel respeitava “até mesmo Lampião” e conforme veremos no próximo capítulo, um ponto forte nas representações das relações entre os coronéis e os cangaceiros é o respeito mútuo entre esses dois tipos de personagens.

No segundo exemplo temos um interessante romance de aventura composto no ano de 1978 pelo poeta, Expedito F. Silva, “*A sangrenta luta no Seridó*”. Apesar de ser datado do final da década de 1970, o poeta começa o poema afirmando que a história se passa no tempo em que os coronéis dominavam os sertões. Nesse poema, as características de representações tanto dos coronéis como do ambiente em que esses viviam nos remetem ao nosso recorte temporal e espacial.

O libreto traz a história de um combate travado, na região do Seridó, Rio Grande do Norte, entre dois fazendeiros, sendo o primeiro, Coronel Quincas Saldanha, extremamente mau e detestado por todos e o segundo, Major Fortunato, um fazendeiro honesto, justo e respeitado pelo povo, pelas autoridades locais e inclusive por Lampião e seu bando, aliás, temos aqui, novamente imagens que mostram o fazendeiro se relacionando bem com o cangaço sendo adotadas como qualidade positiva atribuída ao fazendeiro. O combate travado entre as milícias dos dois fazendeiros dá-se devido ao uso não autorizado do açude da fazenda do Major Fortunato por parte do Coronel Saldanha. O primeiro fazendeiro decide resolver a questão mandando uma carta para o segundo, marcando o combate e de quebra, revelando-lhe que teve um caso com sua esposa. O coronel “malvado” mata a esposa, organiza sua milícia e parte para o ataque. O combate acontece, o coronel Saldanha é derrotado e morto. A filha de Saldanha descobre que Fortunato é seu pai legítimo e vai morar em sua fazenda, casando-se um ano depois com um bravo vaqueiro.

Observemos a forma como os fazendeiros são apresentados pelo poeta. Sobre o Coronel Saldanha, temos:

No Jardim do Seridó  
 Antigamente habitava  
 O coronel Quincas Saldanha  
 Que todo mundo odiava  
 Numero um no gatilho  
 Por qualquer quiçá matava

.....  
 Comprava toda a policia.  
 Dinheiro nele sobrava  
 Da mesma forma que ria  
 Do mesmo jeito matava  
 Assim viveu muitos anos  
 Matando e ninguém falava<sup>45</sup>

Já sobre o Major Fortunato o poeta escreve:

Deixo aqui Quincas Saldanha  
 Fazendo perversidade  
 Pra falar de um fazendeiro  
 Muito amigo da verdade  
 Honesto e trabalhador  
 Sincero e de qualidade.

Não gostava de intrigas  
 Sua lei era o direito  
 Só matava um bandido  
 Se fosse um caso sem jeito  
 No jardim do Seridó  
 Gozava de grande conceito.<sup>46</sup>

O enredo encontrado nesse livreto é bastante rico em aspectos a serem analisados. Em primeiro lugar, notemos que o poema traz em seu texto, vários dos elementos principais encontrados recorrentemente na literatura popular a cerca dos coronéis (disputa de terras, combate entre milícias, vaqueiro, filha do fazendeiro, cangaço, etc.). Esses elementos serão mais bem analisados no próximo capítulo, onde abordaremos o universo de elementos do ambiente em que os coronéis viviam, pela literatura popular.

Outro aspecto interessante a ser notado é que os dois fazendeiros possuem várias características em comum no que diz respeito às suas posses, poder de milícias, disposição para lutar e matar. O que diferencia os dois fazendeiros tornando um mau e o outro bom são elementos

<sup>45</sup> SILVA, Expedito F.. *A Sangrenta luta no Seridó*. Rio de Janeiro :[s.n.], 1978. p. 02.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 04.

ligados à honra e honestidade – enquanto um “compra” a polícia e mata sem razão o outro “segue a lei do direito” e só mata em último caso – Ainda assim, vale ressaltar que, o poeta afirma que Fortunato só segue a “lei do direito”, porém, ambos os fazendeiros matam quando julgam necessário sem sofrer intervenção de autoridades policiais, situação, aliás, recorrentemente constatável nas representações de poder dos coronéis pela literatura de cordel. Temos portanto, o conceito de justiça sobrepondo-se às leis.

Nesse poema há ainda um anacronismo capaz de tornar confusa a localização de sua estória no tempo. Em determinada estrofe o poeta afirma que Lampião e seu bando eram bem recebidos na fazenda do major Fortunato o que nos leva a crer que a o major era contemporâneo de Lampião (primeiras décadas do século XX):

Seu nome era Fortunato  
Bezerra de Assunção  
um major muito estimado  
por todo aquele sertão  
nunca entrou em um combate  
que não ganhasse a questão

Quando Lampião passava  
em sua longa jornada  
hospedava a jagunçada  
ele o mandava chamar  
matava um boi na fazenda  
e era uma festa animada<sup>47</sup>

Porém, numa estrofe anterior, o poeta afirma que o coronel Saldanha tratava mal os seus “escravos”:

Os escravos todo dia  
Beijavam a sua mão  
Quem não cumprisse o dever  
Ou por outra obrigação  
Era morto e enforcado  
No quarto do casarão<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Ibid., p. 04.

<sup>48</sup> Ibid., p. 03.

Fica então a dúvida: O poeta coloca escravos em uma época em que a abolição da escravatura já havia acontecido ou o termo “escravo” estava sendo empregado distorcidamente para designar os empregados da fazenda, por deverem obediência ao fazendeiro?

Podemos observar, também, que os cordéis que tratam do coronelismo, seguem determinados padrões no que diz respeito aos temas abordados, elementos de composição e à forma como esses são tratados. Geralmente, os coronéis encontrados nos livretos, são representados como fazendeiros ricos, donos de milícias, reconhecidos e respeitados pelas populações locais, dotados de características pessoais que remetem a valores como honra, valentia, proteção, crueldade e/ou benevolência, violência e principalmente autoridade. As imagens referentes aos poderes atribuídos aos líderes locais, bem como os respectivos alcances desses poderes, aparecem sempre intimamente ligadas às representações dos coronéis conferindo-lhes as devidas autoridade e força.

O poder em grande escala é um elemento encontrado em praticamente todas as representações a cerca do coronelismo pela literatura de cordel. Geralmente, o poder pode vir representado, sob forma de poderio econômico, político, militar ou através da combinação de todas essas esferas, aliás, é na combinação de alguns desses elementos que encontramos representado o poder de dominação por coerção.

Estudos historiográficos a cerca do coronelismo defendem que boa parte do poder conquistado pelos coronéis advém de um reconhecimento originado não só das populações locais, mas também dos representantes políticos estaduais e federais. Cabia aos governantes estaduais reconhecer no coronel a liderança local. Sendo assim, Raymundo Faoro afirma:

O coronel, por isso que se integra no poder estadual, constituindo o governador a espinha dorsal da vida política, representa uma forma peculiar de delegação do poder público ao campo privado. Ao contrário da tese consagrada, não se trata de remanescente do privatismo, particularizando a estrutura estatal, senão

que corporifica o aspecto de domínio não burocrático da sociedade, com larga interpretação dos dois setores, numa indistinção peculiar do sistema.<sup>49</sup>

Podemos complementar tal raciocínio a partir de Ibarê Dantas, que resume o ciclo do poder entre lideranças locais e estaduais da seguinte forma:

Com a política dos governadores, estabeleceu-se um arranjo político acentuando a vinculação das políticas federais com as estaduais, estimulando a expansão das oligarquias nos vários estados, oligarquias essas que passam a articular-se tanto a nível regional quanto no âmbito nacional, de forma escalonada conforme sua capacidade de influência. Enquanto isso, na esfera municipal desenvolvia-se o coronelismo como base da legitimação e poder das próprias oligarquias, fechando o circuito da estrutura de dominação.<sup>50</sup>

Tal reconhecimento de poder por parte dos governos aponta inicialmente para o poderio econômico desses líderes locais. O próprio poder político só seria obtido e legitimado se o fazendeiro possuísse dinheiro e posses, além é claro da capacidade de exercer domínio sobre as populações locais. Já o poder militar aparecia geralmente sob forma de milícias compostas por “cabras” contratados para defender os interesses dos coronéis, se necessário, até com a própria vida.

Esses fazendeiros tinham o poder – informalmente legitimado – de combater e matar sem sofrer intervenções legais das autoridades governamentais que geralmente só se pronunciavam acerca dos acertos de contas e guerras particulares promovidas pelos fazendeiros, quando tal intervenção fosse de alguma forma útil à manutenção do poder estadual.

Sobre as interferências governamentais nos assuntos dos coronéis, Ibarê Dantas afirma:

A literatura sobre o assunto concorda, com toda a clareza que o governo, via de regra, interferia quando os conflitos estivessem definidos para apoiar o

<sup>49</sup> FAORO, Raimundo. Op.cit. p.710.

<sup>50</sup> DANTAS, Ibarê. Op.cit., p.21.

vencedor. Maria Isaura Pereira de Queiroz pintou bem o quadro: “As lutas travadas pelo domínio do município tinham como resultado, o apoio do governo estadual ao vencedor e consequentemente ocupação dos cargos públicos por seus amigos.”<sup>51</sup>

Se por um lado os agregados, empregados e moradores vêem no coronel um líder natural a quem eles devem obediência e fidelidade em troca de proteção e apadrinhamento, por outro, os políticos estaduais e federais legitimam o poder desses coronéis em troca do apoio eleitoral que lhes renderá votos nas urnas. Ainda segundo Ibarê Dantas:

Os coronéis, no entanto, eram valorizados em relação aos seus contingentes de milícias particulares, não apenas por seus pares, como também pelas próprias oligarquias estaduais que neles se apoiavam. Ao tempo em que o proprietário rural ia integrando trabalhadores como seus súditos, mediante prestação de serviços, gestos paternalísticos formavam-se uma comunidade hierarquizada, onde a voz do senhor assumia poder absoluto.<sup>52</sup>

Encontraremos, por sua vez nos poemas de cordel, representações que tendem a conferir ao coronel, poderes exacerbados, haja vista que este é mostrado muitas vezes como alguém acima da lei e das demais autoridades, além de ser possuidor de uma estrutura (reconhecimento governamental, poder econômico, prestígio político, fidelidade dos habitantes locais, milícias particulares) que lhe proporciona um aparato capaz de permitir-lhe um imenso alcance de feitos.

Encontramos representações de poder dos coronéis em um interessante poema intitulado “*Zé Matraca – O valentão de Palmares*”, do autor proprietário João José da Silva, sem data constatável no folheto. Nesse livreto o poeta conta uma estória que descreve o combate entre Carlos Maia, rapaz correto e valente, filho de pequenos fazendeiros do município de São José do Egito e Zé Matraca, vigia e principal jagunço da fazenda do coronel Catraca, líder local em

---

<sup>51</sup> Ibid., p.25.

<sup>52</sup> Ibid., p.25.

Palmares, tido como um fazendeiro poderoso e cruel. O poema conta que Zé Matraca, com apoio do coronel, barbarizava a cidade, pilhava estabelecimentos comerciais, bebia de graça em bares e principalmente, violentava donzelas e esposas impunemente, uma vez que ninguém tinha coragem de desafiá-lo, seja por medo de sua violência, seja pelo apoio e proteção que o jagunço tinha por parte de seu patrão. Num certo dia, o vilão tenta levar uma moça à força e é impedido pelo sertanejo Carlos Maia que derrota o jagunço e o entrega às autoridades, casando-se com a moça pouco tempo depois.

O coronel Catraca é coadjuvante nesse enredo, porém, a forma como ele é descrito no poema, exemplifica de maneira contundente algumas das formas mais recorrentes das representações de poderes atribuídos aos coronéis do sertão nordestino:

O coronel João Catraca  
Era rico e poderoso  
Protetor de assassinos  
Perverso, mau, perigoso  
Gastava meia fortuna  
Pra livrar um criminoso

Nas terras do seu engenho  
A policia não entrava  
Só se fosse ao seu chamado  
Quando ele precisava  
De outra forma se fosse  
De certa altura voltava

O governo o respeitava  
O juiz lhe obedecia  
Já o prefeito local  
Era ele quem escolhia  
O nome que ele escolhesse  
O povo logo elegia

Quem era que estava doído  
Pra ser contra o coronel?  
O povo todo votava  
Na sua ordem cruel  
O que não lhe obedecesse  
Via quanto amargo era o fel.<sup>53</sup>

<sup>53</sup> SILVA, João José da. *Zé Matraca : o valentão de Palmares*. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. p. 02.



Notemos que o coronel é mostrado como alguém a quem o juiz e a polícia obedecem e o governo respeita, além disso, o coronel é apresentado como aquele que “escolhe” os prefeitos da cidade ao fazer com que a população vote em quem ele quer, sob pena de ver “quanto amargo era o fel”, numa clara demonstração de coerção. Nesse texto, o autor coloca o coronel no lado oposto ao herói Carlos Maia, portanto, para que o coronel possa ser posicionado como um dos vilões da saga, sua descrição vem carregada de elementos que o caracterizam negativamente.

Apesar da forte conotação de poder mostrada no fragmento, o poema mostra a derrota e a prisão do jagunço do coronel o que acaba por contrariar e desmoralizar o líder local. O texto termina descrevendo o coronel indignado pela prisão do seu principal “cabra” e jurando vingança ao responsável, num claro “gancho” deixado pelo poeta, para um possível poema de continuação<sup>54</sup>.

João catraca perdeu  
O cabra de confiança  
Seu orgulho foi abalado  
Isolou-se com voz mansa  
Lá ficou sempre gingando  
Vencido porém jurando  
Ainda tomar vingança<sup>55</sup>

Uma outra abordagem importante e recorrente a respeito das representações de poder dos coronéis, trata de como são construídas as imagens das suas milícias e da forma com a qual o povo tende a temer e obedecer ao líder local sob pena de sofrer as violentas conseqüências que os jagunços do coronel poderiam promover. No próximo capítulo, discutiremos quem e como são representados pelos cordéis, os homens que compõe as milícias dos grandes fazendeiros. Por hora, analisaremos as formas com as quais as milícias dos coronéis conseguiam conferir-lhe poder, reconhecimento e dominação.

<sup>54</sup> A seqüência do poema intitula-se: A volta de Zé Matraca – O valentão de Palmares e termina com a morte do valentão Zé matraca e com a derrota do coronel Catraca.

<sup>55</sup> SILVA, João José da. *Zé Matraca : o valentão de Palmares*. p. 16.

Na maioria dos livretos analisados, principalmente nos cordéis que narram aventuras com lutas, temos como padrão, a descrição dos coronéis começando por caracterizar e localizar sua fazenda, em seguida são listadas suas virtudes ou defeitos (a depender do papel que o coronel tenha no enredo) e logo depois vem a descrição do poderio de milícia do coronel. Nesse momento o poeta geralmente conta que o coronel possuía certa quantidade de jagunços para defender seus interesses e fala do temor que todos tem em desafiar o coronel e ter de deparar com seus “cabras”.

Para exemplificar esse tipo de representação, utilizaremos um poema do autor proprietário João José da Silva, sem data constatável no livreto, intitulado “*As bravuras de Antônio Silvino em honra de um velho amigo*”. A trama se passa no sertão de Pernambuco, é protagonizada pelo cangaceiro Antônio Silvino e por dois fazendeiros da região, sendo o primeiro, o coronel João Machado, líder local, temido e tirano e o segundo, Agostinho, homem pacato e idoso, dono de uma pequena fazenda e pai de uma linda donzela.

A saga trata do defloramento da filha de Agostinho pelas mãos de Julião, filho do coronel João Machado. O pequeno fazendeiro, ao saber que a filha havia sido “desonrada”, vai tomar satisfações com o coronel e pede que Julião case-se com a moça para reparar o mal que fez. O coronel dá uma surra em Agostinho e o manda embora. João Machado só não sabia que o pequeno fazendeiro era protegido de Antônio Silvino, que ao saber do ocorrido, convocou seu bando e promoveu sangrenta batalha contra as milícias da fazenda do coronel. No final, o coronel é derrotado e seu filho é obrigado a casar-se com a moça e tratá-la bem daquele momento em diante.

Temos aqui, mais um poema rico em imagens e elementos que compõe o estereótipo dos coronéis pela literatura popular, ele nos mostra o poder de milícias dos coronéis através dos seguintes fragmentos:

Esse coronel que falo  
 Era o terror do sertão  
 Dava surra na pobreza  
 Sem nenhuma precisão  
 Matava qualquer vivente  
 E não tinha compaixão  
 .....  
 Todo mundo tinha medo  
 Do coronel João Machado  
 Por que ele na fazenda  
 Tinha 1 grande grupo armado  
 30 bandidos no rifle  
 prontos pra qualquer mandado<sup>56</sup>

Notemos que na segunda sextilha, o medo que todos tinham do coronel, é associado ao “grande grupo armado” que lhe servia. No caso desse livreto o grupo é composto por trinta homens, porém, não são raros os poemas que descrevem coronéis com grupos de trezentos ou mais jagunços, como podemos ver abaixo, na transcrição de um fragmento de um livreto já utilizado anteriormente nesse trabalho:

O Saldanha ao ler a carta  
 Ficou feito um cão danado  
 Correu chegou na cozinha  
 Estava um negro sentado  
 Este deu-lhe um pontapé  
 Foi pratos pra todo lado  
 .....  
 Bateu no couro chamando  
 400 cangaceiros  
 Me apareceu tanto negro  
 Armado de granadeiros  
 Que pareciam formigas  
 Saindo dos formigueiros<sup>57</sup>

Em outro exemplo bastante significativo, temos um poema que retrata um poderoso líder local, insubordinando-se às decisões das autoridades governamentais do seu estado. Em um livreto datado de 1930, *Os acontecimentos na Parayba*, encontramos um poema onde o autor,

<sup>56</sup> SILVA, João José da. *As bravuras de Antônio Silvino em Honra de um Amigo*. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. p. 02.

<sup>57</sup> SILVA, Expedito F.. Op.cit. p. 07-08.

Martins da Costa, expõe sua visão a respeito dos famosos conflitos que ficaram conhecidos como “Revolta de Princesa”, ocorridos entre o então presidente<sup>58</sup> do estado da Paraíba, João Pessoa, e o Coronel José Pereira (no cordel chamado de “Zépereira”), chefe político na região do município de Princesa.

Resumiremos alguns aspectos dessa insurreição e os motivos que a levaram a acontecer, através de dados colhidos no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro da Fundação Getúlio Vargas:

Em 28 de fevereiro [de 1930], véspera das eleições, teve início um conflito na cidade de Princesa, atual Princesa Isabel, na Paraíba. A Revolta de Princesa, como ficou conhecida, era liderada por José Pereira, chefe político do município, e tinha suas raízes na política tributária posta em prática por João Pessoa ao assumir o governo do estado.

O comércio do interior da Paraíba era feito com Recife normalmente por terra. João Pessoa proibiu esse intercâmbio, obrigando as mercadorias a entrarem pelo porto de Cabedelo, o que prejudicou os "coronéis" do interior e beneficiou os elementos da capital. A revolta tinha por objetivo declarar a separação de Princesa da Paraíba. O governo federal auxiliou os rebeldes e colocou obstáculos para o envio de armamento aos legalistas, mas João Pessoa recebeu auxílio do Rio Grande do Sul por intermédio de Osvaldo Aranha.<sup>59</sup>

O cordel analisado foi produzido em junho de 1930, período em que os conflitos abordados ainda não tinham obtido desfecho. O poema conta, sob a ótica do poeta, acontecimentos ocorridos a partir de fevereiro do mesmo ano, portanto, podemos perceber que a produção do livreto é contemporânea aos acontecimentos. Observamos que o livreto analisado, segundo informação contida na primeira página, já estava na segunda edição. Vejamos:

O Brasil actualmente  
Assiste a um caos anormal  
Uma luta em parayba  
De aspecto descomunal  
Um grupo de cangaceiros

<sup>58</sup> O cargo público de “presidente” de um estado, existente em 1930, corresponde ao cargo hoje denominado de “governador” de estado. Optaremos por tratar João Pessoa como presidente da Paraíba, pois esse era seu cargo nomeado na ocasião aqui analisada.

<sup>59</sup> [http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm)

Contra o governo legal

Começou a vinte e oito  
De fevereiro – este anno  
Na cidade de Princesa  
No sertão paraybano  
Zé Pereira revoltou-se  
Mostrou-se homem tyranno

O presidente do estado  
Um símbolo de honradez  
Na vista dos governados  
Vae crescendo cada vez  
No Brasil não há governo  
Que faça o que elle fez<sup>60</sup>

As três sextilhas transcritas, iniciam o poema mostrando claramente que o autor posiciona-se de maneira favorável ao governador João Pessoa e contra as posições tomadas pelo coronel José Pereira. Para tanto, o poeta representa o presidente da Paraíba demonstrando-lhe as virtudes de honestidade, honradez e boa administração, enquanto que o coronel “Zépereira” tem exaltadas características de tirania e insubordinação. Esse padrão será mantido ao longo de todo o texto que, aliás, apresenta na maior parte do seu conteúdo, uma descrição – sempre positiva – dos feitos de João Pessoa enquanto que José Pereira é citado apenas nos momentos (menos recorrentes) em que o autor faz considerações a respeito do conflito.

Em alguns versos o poeta insinua que José Pereira recebeu apoio de governos rivais a João Pessoa, embora o poema não diga quais são esses governos. O poeta refere-se a esses governos como “não liberais” e levanta a hipótese de que José Pereira seria logo derrotado se não recebesse apoio e munição desses governos.

Ao lado de Zépereira  
(Conforme dizem os jornaes)  
puzeram-se alguns governos  
que não eram liberaes  
forneciam aos cangaceiros  
auxílios materiais

Eu acho que é verdade

<sup>60</sup> COSTA, Martins da. - *Os Acontecimentos na Parayba*. [S.l.] : [s.n.], 1930. p. 01.

Esse boato em questão  
 Se não fosse Zépereira  
 Não teria munição  
 E a policia já tinha  
 Levado elle à prisão

.....  
 O que mais me admira  
 E espanta o mundo inteiro  
 É como seu Zépereira  
 Paga tanto cangaceiro  
 Parece que ele está  
 Desenterrando dinheiro

Dizem os filhos da “Candinha”  
 Que mandam pela fronteira  
 Do estado de Pernambuco  
 Auxílio a Zépereira  
 De formas que elle luta  
 Contra a policia inteira<sup>61</sup>

Assim, o poeta mostra o coronel recebendo apoio e sendo utilizado, por opositores de João Pessoa, como instrumento para enfraquecer o poder do presidente da Paraíba. Não podemos esquecer que, se o autor escreveu o poema durante o período dos conflitos, é possível que ele não tivesse claras e exatas as informações a respeito de quem estava fornecendo apoio ao coronel, daí, as menções a esse apoio, virem sob forma de insinuação e sem apontar nomes.

Outro ponto interessante a ser discutido é que o poeta afirma que o conflito foi motivado pelo fato de João Pessoa ter rejeitado no pleito das eleições para deputado, João Suassuna, político indicado por José Pereira . O poema justifica tal recusa por parte de João Pessoa, alegando que o governador “queria na câmara homens de melhor conceito”. Assim diz o cordel:

O coronel Zépereira  
 Chefe político em Princesa  
 Queria que João Pessoa  
 Respeitasse sua “alteza”  
 Mas esse com energia  
 Negou-lhe aquela fineza

Queria Zépereira  
 Ver eleito deputado

---

<sup>61</sup> Ibid., p. 02-03,15.

Pra câmara federal  
 Um seu amigo estimado  
 Porque Zépereira é membro  
 Da assembléia do estado

Era o doutor Suassuna.  
 O candidato do peito...  
 Que João Pessoa Negou-lhe  
 Esse “forçoso” direito,  
 Por que queria na câmara  
 Homens de melhor conceito

O “governo” de Princesa  
 Vendo seu plano falhar  
 Imaginou dentro em si  
 Um modo de se vingar  
 E o pessoal do sertão  
 Cuidou em revoltar <sup>62</sup>

Temos, portanto, pelo menos duas representações do alcance do poder de um coronel: Se por um lado temos o coronel indignado, a ponto de se insurgir contra o governo do estado, por não ter sua indicação acatada na câmara - assim o poema representa os motivos do conflito - por outro temos representado o poder de um forte líder local sendo utilizado por governos opositores para desestabilizar o governo legal da Paraíba, mesmo sendo esse governo aquele a quem o coronel deveria seguir e obedecer.

As fontes historiográficas utilizadas nesse trabalho mencionam José Pereira recebendo apoio de outros governos, inclusive do governo federal, porém defendem que o conflito teria sido motivado pelas políticas de comércio e escoamento de produtos implantada por João Pessoa. Ocorre que em 08 de outubro de 1946, o próprio coronel José Pereira, então com 64 anos, concedeu entrevista ao jornalista José Leal da revista O Cruzeiro. Vejamos o que foi dito por José Pereira sobre os motivos que levaram ao início do conflito:

“Nessa ocasião o Presidente João Pessoa, como candidato a Vice-Presidente da República, empreendeu uma viagem ao interior do Estado. Era meu amigo e pertencíamos ao mesmo partido. Visitou Princesa onde foi recebido por mim

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 03.

com festas e homenagens. Antes do jantar mostrou-me ele a chapa federal, que me surpreendeu por não incluir o nome de João Suassuna. Diante disso confessei ao Presidente que, não concordando com a ausência do nome de Suassuna, retirar-me-ia do estado para viver em Pernambuco. João Pessoa ponderou, dizendo que estava cansado e que depois de jantar, nos entenderíamos melhor, deixando transparecer que corrigiria aquele lapso. Estávamos nos primeiros meses de 1930. Prometi-lhe apoio completo caso Suassuna voltasse a figurar como candidato a representante federal da Paraíba, e adiantei-lhe que, se não fosse possível essa inclusão, pelo menos renovássemos a chapa. E lembrei para isso o nome de outros paraibanos, inclusive o de Assis Chateaubriand, em lugar do seu primo Carlos Pessoa. Senti que como Presidente e meu amigo, ele havia aceito a sugestão, porque no jantar me distinguiria com elogios, reconhecendo minha obra em Princesa. Quero frisar que a oposição naquela época era muito raquítica, e tanto eu como João Pessoa fazíamos parte de uma só ala política, obedecendo a um só chefe: Eptácio Pessoa. “Depois do jantar, o Presidente manifestou o desejo de conhecer a cidade. Passeamos, e depois do passeio voltamos a conversar sobre a renovação da chapa. Prometeu-me ele mais uma vez estudar o assunto. Realizaram-se danças em sua homenagem, recolhendo-se o Presidente em seguida aos seus aposentos em minha própria casa. No outro dia, muito cedo, preparou-se para prosseguir a viagem, rumo a cidade de Teixeira e outros municípios, onde continuaria a propaganda política, visando receber apoio à sua candidatura a Vice-Presidência da República. Fui convidado a acompanhá-lo na excursão. Recusei-me, dizendo que só o acompanharia caso ficasse ali mesmo resolvida definitivamente a inclusão de Suassuna na chapa federal, ou então a renovação da mesma. Como não obtive nenhuma resposta do Presidente, acompanhei-o somente até o automóvel. “Três dias depois, recebi um telegrama da cidade de Patos dando-me conta da reunião da Comissão Executiva do partido Republicano na capital do estado para a escolha dos candidatos a deputado pela Paraíba. Esse telegrama vinha assinado por João Suassuna e me cientificava ainda de que o seu nome e o meu haviam recebido críticas e ataques por parte do Presidente. Quando li a mensagem, telegrafei a João Pessoa, que já se encontrava em Cajazeiras, dizendo-lhe que deixaria Princesa para não causar desgosto ao nosso chefe Eptácio Pessoa, assegurando-lhe que daria plena liberdade aos meus correligionários e amigos a votar em quem muito bem entendessem, e que só voltaria à minha terra para ajudá-los e defendê-los se porventura fossem agredidos os coagidos durante a campanha. “Como consequência recebi uma resposta do Presidente João Pessoa, alegando surpresa, e declarando-se ainda mais surpreendido com os termos do meu telegrama, em virtude dos preliminares entendimentos que tivéramos dias antes em Princesa, por ocasião de sua visita João Pessoa desmentia categoricamente a notícia de que me havia atacado na reunião da Comissão Executiva do Partido”.<sup>63</sup>

Podemos constatar que os motivos alegados por José Pereira coincidem com aqueles mostrados no poema de João José da Silva, porém, no que diz respeito ao apoio recebido de outros estados, José Pereira declara:

<sup>63</sup> <http://www.ancomarcio.com/site/publicacao.php?id=2929>.



Comecei com seiscentos e cheguei a ter um exército de dois mil homens, dos quais apenas oitocentos estavam bem armados. E quanto a essa história que anda espalhada por aí, de que Washington Luís e Júlio Prestes me ajudavam com armas, é mentira. Eles nunca me ampararam em momento nenhum da luta. Quem me auxiliou foi um grupo de amigos particulares da Paraíba, de Pernambuco e de São Paulo.<sup>64</sup>

Até aqui, temos representações de coronéis respeitados e temidos por autoridades e pela população local. Em todas as abordagens de poder exemplificadas, temos claras, diversas formas de reconhecimento do poder conferido a esses coronéis. Em algumas sextilhas, temos imagens que explicitam as milícias do coronel conferindo-lhe reconhecimento de poder. Temos inclusive, em um exemplo bastante representativo, um cordel que se refere a fatos históricos e mostra o coronel como indivíduo capaz de desafiar autoridades governamentais, podendo até fazer alianças e receber apoio de forças políticas adversárias de seus oponentes.

Na maioria dos casos mostrados através dos livretos selecionados, temos coronéis que podem decidir sobre o destino de seus empregados, moradores e protegidos, além de conseguirem dar fim a seus opositores sem ter que arcar com maiores conseqüências. Essas formas de representações advêm de um panorama político e social que conferia ao coronel poderes exacerbados, porém, no contexto da época e dos espaços analisados, não podemos confundir falta de lei com falta de ordem. Os poemas que mostram os coronéis exercendo sua autoridade plena, tratam esse exercício como algo legitimado pelo próprio ambiente que compõe a vida severa no sertão dos fazendeiros. Julie Cavignac, reforça nossa reflexão:

Pois esse tempo – sempre exposto ao presente e glorificado pelos mais velhos – é antes de tudo o da desordem caracterizada pela ausência de forças legais: aqui, nenhuma lei, afora o código de honra; nenhuma “democracia”, mas a submissão ao poder dos mais fortes.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Ibid.,

<sup>65</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.131.

Sendo assim, a época dos grandes coronéis autoritários, dos fazendeiros mandões, aqueles que arrancavam tiras de couro das costas de seus inimigos, aparece em muitos textos de cordel com um tom nostálgico, como se esse fosse o tempo em que cada indivíduo (coronel, morador, vaqueiro, jagunço, cangaceiro, etc.) ocupasse o lugar que o destino lhe reservou e esse mesmo lugar conferisse a cada um, papéis que, na falta de um controle regido por autoridades legais, deveriam ser vividos em nome de valores tais como honra, bravura, sobrevivência e por que não dizer, obediência.

O que temos então, em uma última análise, são regras sociais e códigos de honra e justiça sendo representados como algo acima da lei e de uma democracia que termina por tornar-se dispensável no contexto. Os cordéis mostram, na maior parte das vezes, os conflitos sendo resolvidos no interior do grupo social e nesse ínterim, coronel que derrota e destrói é o mesmo que restaura o equilíbrio e a harmonia de uma cadeia de relações que estaria ameaçada pelos mesmos conflitos que a ela se impõem.

---

### 3 O AMBIENTE DOS CORONÉIS PELA LITERATURA DE CORDEL

Quando analisamos as peças do mosaico de representações produzidas a respeito dos coronéis pela literatura de cordel, é possível obter um estereótipo multifacetado de imagens que, uma vez reunidas, são capazes de nos ajudar construir nossa compreensão sobre esses personagens. Não podemos deixar de levar em conta, que esses coronéis são representados a partir de um determinado tempo e em diversos espaços, repletos de elementos que os circundam e com eles interagem.

A respeito dos elementos que compõe o universo da literatura de cordel o historiador norte americano Mark Curran reflete:

É necessário, porém, que nos perguntemos o que é o “vasto universo” representado na crônica cordeliana. Em sentido geral, é o Nordeste do Brasil, o Brasil do século XX e sua visão do mundo. Os estudiosos [o autor se refere a Joseph Lutyen, Vicente Salles, Pedro Calmon, Olge de Jesus Santos, José calasans, entre outros] já citados, falaram do cordel como arquivo, documento e registro de muitos tipos diferentes de eventos. Falaram de desastres naturais, crimes, conflito político local e nacional, cangaço, fanatismo religioso, crises econômicas e embates ideológicos, muitas vezes com repercussões sociais, religiosas e políticas. O cordel tratará de tudo isso, desde que interesse ao poeta e a seu publico de leitores humildes.<sup>66</sup>

Com base nessa análise, consideramos importante identificar os elementos mais significativos e recorrentes na formação do cenário que compõe o ambiente em que viviam os coronéis estudados nesse trabalho. Esses elementos são evocados pelos poetas conforme as necessidades do enredo, uma vez que o cordelista pretende criar um espaço na imaginação do leitor, espaço esse, que ele próprio configurou com a finalidade de permitir ao leitor visualizar o ambiente que dará sustentação às imagens com as quais os coronéis são representados.

---

<sup>66</sup> CURRAN, Mark J.. *História do Brasil em Cordel*. p. 28.

Seguiremos dois critérios para selecionar os elementos de representação que serão analisados com o fim de reconstruir o universo dos coronéis pela literatura de cordel. Como primeiro critério, iremos selecionar aqueles fatores que entendemos serem indispensáveis na caracterização do ambiente do coronelismo. É esse o caso, da fazenda, elemento sempre referenciado nas tramas cordelistas acerca dos coronéis. Um segundo critério de seleção, aqui adotado, é o da recorrência. Existem elementos que, mesmo não fazendo parte de todos os livretos, costumam aparecer em muitos poemas e quando são utilizados pelos poetas na composição de seus enredos, ajudam a enriquecer as imagens que terminam por compor o estereótipo do coronel.

Com base na recorrência em que são representados, selecionaremos primeiramente, os filhos e filhas do coronel, elementos diretamente ligados à fazenda, a descendência do fazendeiro costuma aparecer nos enredos de cordel, sobretudo nos romances de aventura onde podem ter papel determinante na trama. Analisaremos em seguida o vaqueiro. Segundo Cavignac, “a maioria dos autores concorda em afirmar que, a tradição poética que se encontra no nordeste está ligada ao ofício do vaqueiro.”<sup>67</sup> Esse elemento tão recorrente nos poemas em que aparecem os coronéis quanto em todo o resto da produção literária popular nordestina, cumpre, na maioria das vezes a função de ser o herói das tramas em que aparece e costuma representar toda uma coleção de valores que ajudam a compor a própria imagem do sertanejo nordestino. Por fim abordaremos o cangaço. Os cangaceiros podem vir representados como parte das milícias dos coronéis ou em seus bandos de bandidos errantes, porém, são raros os livretos sobre coronéis sem alguma referência a cangaceiros.

---

<sup>67</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.132.

Uma vez analisadas, as representações que os cordéis produzem acerca elementos aqui selecionados, colaboram para a formação das impressões que nos ajudam a perceber os valores, os costumes, as regras de conduta, o “quando” e o “onde” a respeito dos nossos coronéis.

Começemos, nossa análise pela fazenda<sup>68</sup>. Elemento que sempre aparece nas representações dos coronéis pelos versos da literatura de cordel, a fazenda era, em primeira instância, o local de residência do coronel e sua família, lugar protegido por milícias contratadas, aonde este cria seu gado ou cultiva suas plantações, empresa familiar de onde o líder local retira suas riquezas e legitima seu poder econômico. É também na fazenda que o coronel constrói as bases das relações de dependência e obediência com os empregados e moradores conforme afirma Ibarê Dantas:

No âmbito econômico-social destaca-se o grande proprietário de terra que mantém com seus trabalhadores rurais relações de produção não capitalistas. Nasce aí o coronel, como proprietário rural que exerce sobre os trabalhadores um tipo de dominação sob a forma de dependência pessoal.<sup>69</sup>

Tais relações de dominação sustentarão o reconhecimento de poder que será conferido ao líder local por parte do governo.

Apesar dessa idéia é importante refletir que, fora do universo de representações da literatura, nem todo o coronel era fazendeiro, assim como, nem todo o fazendeiro era coronel. A história possui exemplos de coronéis que detinham esse título por serem ricos e poderosos sem, contudo, serem donos de um latifúndio, ao passo que, muitos fazendeiros não eram ricos o suficiente nem possuíam poder de dominação para ostentar o reconhecimento de líder local.

Segundo Raymundo Faoro:

---

<sup>68</sup> Utilizaremos o termo “fazenda” para designar as grandes propriedades rurais pertencentes aos coronéis sejam estas, engenhos de cana, latifúndios de gado ou quaisquer outras culturas.

<sup>69</sup> DANTAS, Ibarê. Op.cit. p. 15.

O conceito [de coronel] entrou na linguagem corrente por via do estilo social, inclusive na vida urbana, com predominância sob sua função burocrática e política.

Se a riqueza é substancial à construção da pirâmide, não é fator necessário, o que significa que pode haver coronéis remediados, não senhores de terras, embora seja impossível a corporificação no pobre ou no dependente, destituível de sua posição a arbítrio alheio.<sup>70</sup>

Ainda assim, quando tratamos de representações do coronel pelo imaginário popular, através dos poemas de cordel, é comum que se faça referência a poderosos coronéis simplesmente como “o fazendeiro”, ou seja, segundo pudemos constatar através dos poemas pesquisados, no universo das representações, as nomenclaturas “coronel”, “coroné”, “fazendeiro” ou “latifundiário” se confundem e costumam aparecer com significados semelhantes. A fazenda, geralmente grande latifúndio, será um dos principais espaços de representação do coronel pela literatura popular e mesmo em poemas que mostram esse coronel inserido no espaço urbano, quase sempre se faz alguma menção ao mesmo como fazendeiro.

Dentre os livretos selecionados para esse trabalho não encontramos nenhum coronel que não fosse representado como fazendeiro. O que geralmente vemos, são coronéis donos de grandes latifúndios de gado ou cana (embora não sejam raras menções a outras culturas como a do algodão). Essas fazendas, geralmente não tem seu potencial econômico ou o tamanho das terras detalhadas nos livretos. O que costuma aparecer nos textos com certa frequência é o nome da propriedade e - menos frequentemente - a sua natureza de cultivo. Geralmente os poetas citam a fazenda no momento em que vão apresentar o coronel, dando-lhe assim a devida dimensão de poder econômico.

---

<sup>70</sup> FAORO, Raymundo. Op.cit.p.700.

Começaremos a identificar as representações acerca das fazendas dos coronéis, através fragmentos retirados de três livretos distintos e constituídos por enredos bem diferentes<sup>71</sup>. Assim, observemos a sextilha retirada do livreto "*As bravuras de Antônio Silvino em honra de um velho amigo*":

E por isso vou agora  
 Contar um caso passado  
 No sertão de Pernambuco  
 Lá nos confins do estado  
 Na fazenda Cabrobó  
 Do coronel João Machado<sup>72</sup>

Notemos que a fazenda é localizada e nomeada para em seguida o poeta apresentar seu proprietário. Caso semelhante acontece no fragmento retirado do poema do autor proprietário João José da Silva, sem data constatável no livreto, "*O cangaceiro do Prado*":

Era próprio e bem tratado  
 O sítio dos seus bons pais  
 Fronteiriço dos terrenos  
 Da fazenda "Três Corais"  
 Do coronel Marcos Lopes  
 Um homem rico até demais<sup>73</sup>

Nesse fragmento podemos observar que é mantido o padrão de nomear a propriedade para em seguida apresentar o coronel proprietário, porém, temos ainda a menção à riqueza do fazendeiro. Reforçaremos o padrão proposto com um terceiro exemplo, retirado do poema "*A vingança de um sertanejo no engenho Pirapama*", do autor proprietário João José da Silva, sem data constatável no livreto, onde o coronel, dono de engenho é apresentado juntamente com sua propriedade e o poeta aproveita para descrever algumas características do fazendeiro:

<sup>71</sup> Aqui, optaremos por não apresentar a sinopse dos folhetos que estão sendo utilizados pela primeira vez, quebrando por hora o padrão adotado ao longo de todo esse trabalho, uma vez que, nesse momento, nos interessa apenas mostrar, em pequenos fragmentos, a forma com a qual o coronel é apresentado junto a sua propriedade, independente de qual seja a trama do poema.

<sup>72</sup> SILVA, João José da. *As bravuras de Antônio Silvino em Honra de um Amigo*. p. 01.

<sup>73</sup> Id. *O cangaceiro do Prado*. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. p. 15.

O dono desse engenho  
 Era homem conhecido  
 Coronel Murilo Bento  
 Homem forte e destemido  
 Protetor de assassinos  
 Disposto e prevenido

No engenho Pirapama  
 Era tudo no direito  
 O coronel protegia  
 Ali qualquer um sujeito  
 Mas se tivesse razão  
 Honestidade e respeito<sup>74</sup>

Nos fragmentos analisados notamos claramente a identificação da fazenda junto à apresentação do seu proprietário, entretanto, há casos em que a representação da fazenda ocorre de maneira mais complexa como acontece quando são descritos eventos dentro do seu espaço. É esse o caso do livreto “*Romance do vaqueiro*” do autor Franklin Maxado, sem data constatável, que mostra uma festa de vaquejada ocorrendo no espaço da fazenda. O poema narra a continuação de uma história ocorrida nos sertões baianos<sup>75</sup>. A trama começa mostrando o vaqueiro Marciano gozando da festa de encerramento de uma vaquejada em que foi vencedor. Durante a festa o vaqueiro conhece a filha do coronel Zé Fagundes, Josefina (Zefinha), por quem se enamora e é correspondido. O coronel ao saber do flerte entre a filha e o vaqueiro, manda seus cabras expulsarem o rapaz da fazenda. Marciano foge e o coronel manda queimar-lhe a casa e os pertences. O vaqueiro volta à fazenda para resgatar Zefinha das mãos do pai promovendo uma fuga repleta de lutas, mortes e perseguições. O vaqueiro casa-se com a moça, que logo fica grávida e o rapaz vai trabalhar como funcionário em um engenho. Num certo dia o casal fica sabendo pelos jornais que o coronel está doente e deseja ver a filha. Marciano engole o orgulho pelas antigas desavenças com o sogro e leva a esposa e a filha para ver o coronel moribundo. O

<sup>74</sup> SILVA, João José da. *A vingança de um sertanejo no engenho Pirapama* Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. p. 01-02.

<sup>75</sup> Os eventos a cerca dessa vaquejada são contados no livreto de titulo “Vaquejada de sete peões para derrubar uma mineira”, do mesmo autor.



coronel ao ver a filha e a netinha, tem seu estado de saúde melhorado. Marçiano se torna administrador da fazenda e a moderniza, além de ser reconhecido como herdeiro pelo coronel. Observamos que esse livreto engloba de uma só vez a maioria dos elementos recorrentes no universo de representações dos Coronéis (fazenda, descendência, cangaceiros e vaqueiro) e por esse motivo, o utilizaremos novamente em discussões posteriores.

Queremos ressaltar dois aspectos inerentes à fazenda, contidos no poema. O primeiro trata da vaquejada festejada no espaço da propriedade. Vejamos esse fragmento:

Ao derrubar a mineira  
 Ele ganhou a vaquejada  
 Também ganhou o coração  
 Da filha bem estimada  
 Do coronel Zé Fagundes  
 Zefinha era chamada  
 .....  
 Hora dos comes e bebes  
 Zefa mandou um recado  
 Pela velha alcoviteira  
 Que diz no escriturado:  
 Tu és meu grande herói  
 És meu príncipe encantado<sup>76</sup>

Algumas grandes fazendas, quando são detalhadas nos livretos, costumam ser descritas como eixo da economia e dos eventos sociais local. Nelas podem ocorrer torneios, vaquejadas e festas que reunirão as autoridades locais, vaqueiros respeitados e uma parcela da população que experimentará a integração social que tais eventos eram capazes de proporcionar.

Outro aspecto interessante a respeito das representações da fazenda, é a questão do dote. Observemos que no final do poema de Franklin Maxado, o vaqueiro torna-se genro do coronel e herdeiro da fazenda. Vejamos o fragmento:

O coronel deu ao genro  
 Carta branca para agir  
 Entregou fazenda e tudo  
 Para ele dirigir

<sup>76</sup> MAXADO, Franklin. *Romance do vaqueiro: Marçiano da Égua*. Rio de Janeiro: GED, 1976. p. 01-02.

Todos viviam felizes  
E o coronel sempre a rir<sup>77</sup>

A situação mostrada no fragmento acima é extremamente recorrente em romances que envolvem o trio Coronel, filha donzela e vaqueiro. A fazenda, sendo o espaço principal da trama, acaba passando das mãos do coronel para as do vaqueiro, que via de regra não está interessado em bens e riquezas, numa demonstração de reconhecimento dos valores do rapaz por parte do coronel.

O cordel nos mostra outro forte elemento ligado ao universo de representações do coronel: Seus herdeiros. Não são raros os poemas em que o coronel possui um filho homem e muitas vezes esse filho é descrito como um rapaz que, desde tenra idade, é preparado pelo pai para assumir a fazenda e os negócios após sua velhice ou morte.

Em certos poemas, o filho do coronel vai estudar na capital ou fora do país, visando tornar-se “doutor” para, ao retornar, seguir carreira política. Nesses casos o herdeiro visa suceder o pai não só nas posses como também no legado político, apesar de que, a formação intelectual do filho termina por distanciar as suas características representativas daquelas conferidas ao velho fazendeiro.

Nos livretos em que o coronel é mostrado como pai de uma filha, a configuração da hereditariedade assume outro panorama: A filha do coronel precisará ter sua honra respeitada até casar-se com um rapaz que esteja à altura de herdar a fazenda e fazê-la prosperar após a morte do sogro – além é claro de dar netos ao fazendeiro.

Muitos cordéis de aventura e romance valem-se da clássica figura da filha donzela do fazendeiro para criar narrativas que falam de amores proibidos entre a donzela e aígum virtuoso capataz ou vaqueiro que, não pertencendo à esfera social da moça, não obtém a benção e a

---

<sup>77</sup> Ibid., p. 18.

permissão do fazendeiro para desposá-la. Nesse tipo de aventura é comum encontrarmos elementos recorrentes no cotidiano sertanejo, tais como o rapto de noiva ou a filha fujona, batalhas audazes entre os cabras do coronel e o pretendente indesejado, bem como a derradeira aceitação do pai ao escolhido da filha, geralmente quando este se mostra valente, honrado e valoroso o suficiente para suceder o coronel e tornar-se um fazendeiro tão bom quanto ele.

Cavignac reforça esse padrão:

Com a encenação do amor impossível entre a filha do fazendeiro e o vaqueiro, procura-se insistir na crueldade do pai, mas, sobretudo, na diferença de situação social entre a donzela e o empregado. Esta distância será anulada no fim do relato pelo casamento dos dois protagonistas: Ao mesmo tempo em que entra na família, o vaqueiro terá demonstrado suas qualidades [...]<sup>78</sup>

Vejamos outro bom exemplo desse tipo de enredo em um poema do autor Gerson Araújo de Lucena, escrito em Campina Grande no ano de 1977, com o título “*O herói de Mossoró e o Cel. Cascavel*”. A história se passa na cidade de Cajazeiras e fala do amor à primeira vista entre Janduí, um garboso vaqueiro mossoroense e Lindalva, filha de um coronel muito cruel que, ao saber do envolvimento entre o vaqueiro e a sua filha, resolve submeter o rapaz ao devido castigo. O coronel fica paralítico após lutar com o rapaz que posteriormente derrota também os jagunços da fazenda e salva a Lindalva de ser morta por seu pai. Fraco e debilitado, exaurido de seus elementos de virilidade e força, o coronel consente no casamento da filha e aceita Janduí como genro. Observemos:

O meu pai é mau  
E tem patente de Coronel  
O seu nome é Zé Rulim  
Devido ele ser cruel  
É conhecido aqui  
Por coronel Cascavel  
.....

<sup>78</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p. 136.

Disse o velho seu malandro  
 Eu quebro sua faixa!  
 Saiba que filha de homem  
 Não é para ser beijada!  
 Vou te matar no porrete  
 Que sou um velho parada

Janduí pulou pra traz  
 Ligeiro como uma raposa  
 E disse vou te mandar  
 Hoje pra fria lousa  
 Eu bejei a sua filha  
 Por que vai ser minha esposa

.....  
 Janduí chegou mais brabo  
 O velho com muito medo  
 Deu a filha em casamento  
 No outro dia bem cedo  
 Casaram-se em Cajazeiras  
 Terminou-se o belo enredo.<sup>79</sup>

As sextilhas acima mostram respectivamente, em momentos distintos do enredo, a donzela advertindo o seu pretendente dos perigos que seu pai oferece a quem lhe desafia. Observemos que a “patente de coronel” parece ser mencionada com a intenção de intimidar. Num segundo momento, são mostradas cenas do embate entre o vaqueiro e o coronel. Notemos que Janduí, na condição de sertanejo honrado afirma só ter beijado a donzela por ter a intenção de desposá-la. Por fim, temos o coronel se rendendo, no caso desse poema, por medo das habilidades de lutador do vaqueiro e devido à sua nova condição de paralítico, ao casamento entre o sertanejo e sua filha.

O próprio vaqueiro é um elemento importantíssimo na poesia sertaneja nordestina e costuma aparecer com frequência nos livretos sobre os coronéis. O vaqueiro é fruto da pecuária, onde o gado era criado em semiliberdade e seu ofício, fazia-se imprescindível para a manutenção e segurança dos rebanhos dos fazendeiros.

---

<sup>79</sup> LUCENA, Gerson Araújo de. *O herói de Mossoró e o coronel Cascavel*. Campina Grande : [s.n.], 1976. p. 04-05,30.

Alguns autores como Câmara Cascudo e Julie Cavignac, defendem que a poesia sertaneja nordestina tem sua origem primitiva no aboio que os vaqueiros entoavam.

A visão desse *cow-boy* brasileiro, enamorado de liberdade, mas profundamente solitário, pronto a arriscar a vida para resgatar uma rês desgarrada, é completada por seu canto monótono se metamorfoseando em poesia. Essa expressão nostálgica será interpretada pelos folcloristas como a voz da alma primitiva que se acha aqui intacta. Câmara Cascudo afirma ter encontrado a origem do aboio nordestino em Portugal, no minho do século XVIII; os cronistas da época coletam ali toadilhas de aboiar. No Brasil, esses cantos comportam um refrão destinado a incitar o gado a caminhar e, pouco a pouco, foram transformados em um gênero poético à parte, encontrando seu lugar na vida cotidiana do sertão (CASCUDO, 1962<sup>a</sup>, p.2-4).<sup>80</sup>

Por sua vida excessivamente livre e suas habilidades de força, destreza ao montar e resistência a intempéries, bem como pela necessidade de ser confiável que a profissão lhe impingia, o vaqueiro romantizado pelos poemas costuma ser mostrado como uma espécie de herói do sertão, dotado de qualidades e eximido de defeitos.

Aqui, somente as qualidades do vaqueiro (honra, coragem, lealdade, respeito, honestidade) são realçadas e é raro que ele receba julgamentos negativos.<sup>81</sup>

.....  
De fato esse personagem ocupa um lugar central nos relatos, aparecendo sob os traços de um cavaleiro "autóctone" coberto de couro e coragem, arrasador de corações e de bandidos.<sup>82</sup>

Sendo assim, o vaqueiro habita, com grande apelo, o imaginário popular. Ele possui a condição social de um indivíduo humilde em suas posses, mas é riquíssimo em virtudes. Admirado e respeitado pelos homens, desejado pelas moças, dotado de resistência agilidade, valentia, honra e senso de justiça, os vaqueiros aparecem nos cordéis trazendo à rebote uma espécie de estereótipo do nordestino ideal, além de um modelo de conduta a ser seguido.

<sup>80</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Apud. CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.132.

<sup>81</sup> ROMERO. Apud. CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.136.

<sup>82</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Apud. CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.136.

Em sua relação com o coronel, o vaqueiro pode aparecer ao lado do fazendeiro, como seu capataz e homem de confiança (nesses casos, não devemos confundir-lo com jagunço ou cangaceiro) ou do lado oposto ao coronel, quando a intenção do poeta é narrar um embate acontecido entre os lados.

No livreto “Romance do vaqueiro”, do autor Franklin Maxado, vejamos como o vaqueiro é apresentado pelo poeta:

Marciano surgiu herói  
Tangendo a novilha presa  
Em toda aquela região  
Despertou fama acesa  
Montando elegante égua  
Que esquipava bem tesa.

Zefinha se apaixonou  
Logo no primeiro olhar  
Marciano entre as outras  
Só lhe pode enxergar  
Fraquejou na tentação  
Querendo junto ficar<sup>83</sup>

Nessas sextilhas podemos perceber que o rapaz é chamado de herói e é reconhecido na região por suas proezas. Tais virtudes - elementos básicos das representações do vaqueiro - constituem exemplo a ser seguido e admirado pelos homens além de despertar paixão nas moças.

A desavença entre o coronel e o vaqueiro, motivado pelo ciúme do pai pela filha, termina por ser o artifício que o autor utiliza para criar momentos de lutas que tornam o enredo mais emocionante e valorizam outras qualidades do herói. Notemos, porém, que o autor não se utiliza de argumentos que desqualifiquem o rapaz, como pretendente da filha do coronel, devido a este ser de uma classe social diferente. Outro ponto interessante é que os artifícios narrativos utilizados pelo poeta, fazem com que o coronel, mesmo com seu poder e suas milícias, não consiga se sobrepor às habilidades do vaqueiro:

---

<sup>83</sup> MAXADO, Franklin. Op.cit. p. 02.

O coronel não o pegando  
 Mandou queimar seu casebre  
 Também procurar os rastros  
 Encontrou até de lebre  
 Mas nada de marciano  
 Cuja fama já é célebre

.....  
 Marciano apareceu  
 Como Tarzan visto em tela  
 Voava dos cipós e galhos  
 Era aquela novela!  
 De folhagem mandou bala  
 Nos caídos na esparrela

.....  
 Com o revolver na mão  
 Derrubou mais outros seis  
 Cada tiro era queda  
 Ficaram só dezesseis  
 Muitos porém se perderam  
 Restaram apenas três<sup>84</sup>

Nas três sextilhas, o vaqueiro Marciano tem ressaltadas suas habilidades de rastreador (nesse caso “apagador” de rastros), lutador, atirador e cavalheiro. Existe também uma curiosa comparação entre o vaqueiro e “Tarzan”, personagem criado pelo escritor norte-americano de romances de aventura Edgar Rice em 1912<sup>85</sup>. Mesmo quando o vaqueiro mata, assim o faz por algum motivo nobre (no caso do poema, livrar a donzela das garras do pai malvado), assim sendo, suas qualidades de honra e caráter jamais são questionadas. Como já dissemos anteriormente, esse poema termina com o coronel cedendo o comando da fazenda ao vaqueiro que, na condição de herdeiro reconhecido, termina por fazer diversas melhorias na propriedade.

Com lições do centro-sul  
 Progrediu a propriedade  
 Tomou no banco empréstimos  
 Pra projetos na herdade  
 Ora recebe propostas  
 Dos gringos da cidade<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Ibid., p. 04,06-07.

<sup>85</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_Rice\\_Burroughs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Rice_Burroughs).

<sup>86</sup> MAXADO, Franklin. Op.cit. p. 18.

Notemos que no sertão das representações dos cordéis, a ascensão social é possível e conquista-se pelo reconhecimento de honra e bravura. O vaqueiro vira coronel, não por desejar dinheiro e posses, mas por ter conquistado o coração de uma moça e ter provado ser merecedor de sua conquista através da evocação de valores tais como resistência, coragem, habilidade e retidão de caráter.

Para fechar o ciclo de elementos que compõe o ambiente dos coronéis nos poemas de cordel, não poderíamos deixar de abordar cangaço e de seus cangaceiros. O cangaço é um assunto de pesquisa rico e extenso que, por si só, fornece material para muitos trabalhos científicos, além de ser um dos temas mais recorrentes da literatura de cordel. Nosso objetivo será estabelecer como são representadas as relações entre os cangaceiros e os coronéis, quando esse assunto é representado pelos poemas de cordel.

Segundo Cavignac, “O cangaceiro aparece como o revelador de um período atribulado e, às vezes como a encarnação de uma resistência popular.”<sup>87</sup> Tal afirmação coloca a imagem do cangaceiro em um patamar que oscila entre o bandido e o herói e essa condição, permite que este não viva necessariamente como um foragido no seio da sociedade sertaneja, existindo inclusive ocasiões em que bandos de cangaceiros eram recebidos nas casas dos grandes fazendeiros.

Se a presença do cangaceiro se explica, em parte, pela escassez das forças legais e pela corrupção política, esse fora da lei é antes de tudo uma vítima, pois é um ator inteiramente integrado ao sistema social. De fato, os bandidos eram recebidos nas casas dos grandes proprietários que utilizavam seus serviços. Eram então encarregados de resolver as disputas entre proprietários inimigos.<sup>88</sup>

Combatido, temido ou admirado, dotado de coragem, audácia, crueldade e violência, inegavelmente, o cangaceiro oferecia perigo àquele que se colocasse em seu caminho, com a intenção de desafiá-lo. Ocorre que boa parte da população sertaneja não via o cangaceiro como

<sup>87</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.147.

<sup>88</sup> ALBUQUERQUE. Apud. CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.147



um bandido simples, mas sim como uma espécie de vingador, justiceiro ou até libertador uma vez que esse fora-da-lei seguia certos padrões de conduta que compartilhariam da aprovação do povo sertanejo. Para Cavignac: “Sua popularidade [dos cangaceiros] estava ligada, de um lado, ao apoio que recebiam das elites locais – dando-lhes certa legitimidade – e, de outro, ao grau de identificação das populações com sua imagem.”<sup>89</sup>. Podemos inclusive observar que as habilidades do cangaceiro são representadas pela literatura popular de forma bastante semelhante àquelas atribuídas ao vaqueiro, sendo que, o que coloca esses dois personagens em lados opostos, é a forma como são retratadas as suas virtudes e defeitos.

Se o vaqueiro é descrito como um homem sem medo, não temendo nem os homens nem a natureza selvagem, aparece também com todas as características normalmente reservadas aos bandidos justiceiros, mas conservando deles apenas os aspectos positivos. Assim, será possível classificar os vaqueiros e os cangaceiros na categoria dos heróis culturais, encarregados de dominar a natureza selvagem e de fazer aplicar a justiça divina graças a seus poderes[...]<sup>90</sup>

Nos cordéis centrados na figura do coronel, os cangaceiros costumam aparecer – em uma das abordagens mais frequentes – na forma de bandidos audazes e perigosos, contratados pelo coronel e incorporados à sua milícia particular. Nesses casos o cangaceiro é representado sob a forma de jagunço do coronel e passa a aparecer nos poemas, em momentos de batalhas e lutas, sempre dispostos a dar a vida por fidelidade ao patrão.

O fragmento a seguir, pertence ao livreto “*O herói de Mossoró e o Cel. Cascavel*”. Observemos as representações dos cangaceiros, no momento da narrativa em que o coronel Zé Rulim convoca seus jagunços para combater o vaqueiro Janduí:

Da cidade de cajazeiras  
Era perto a fazenda  
O velho tirou dum chôto  
Chegou na sua vivenda

<sup>89</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.147.

<sup>90</sup> Ibid., p. 141.

Tocou num búzio chamando  
Os bandidos pra contenda

Com 10 minutos depois  
Chegou todos os cangaceiros  
Armados até os dentes  
Homens fortes e ligeiros,  
Cruéis e sanguinolentos  
Perigosos bandoleiros.

Esse grupo se compunha  
De brancos, pretos, morenos  
E quando entravam em lutas  
Falavam só por acenos  
E os nomes dos bandidos  
Eram esses mais ou menos:

Rolotó e Batoré  
Varapau e Tranca Rua  
Cabeleira e Zé Ventinha  
Ponta Baixa e Pai da Lua  
Lobisomem e Cata Briga  
Mão de Tacho e Zé Perua <sup>91</sup>

Nessas sextilhas podemos observar a rapidez e presteza com a qual a milícia do coronel, ao ser convocada se coloca a disposição, numa demonstração de obediência e fidelidade ao patrão. Notemos também que na segunda sextilha, os homens de milícia do coronel recebem a alcunha de “cangaceiros”, nomenclatura que coloca esses homens na categoria de bandidos, mesmo que nesse momento eles estejam prestando serviços ao líder local e portanto, não estejam necessariamente na condição de foragidos da lei. Por fim temos os apelidos dos cangaceiros, pseudônimos, intimidadores que geralmente cumpriam o papel de separar o cangaceiro do homem que ele era antes de entrar para a bandidagem, pois “Sua mudança de nome , quando eles se tornavam fora-da-lei, correspondia à adoção de um novo modo de vida e uma nova condição social a que não falta prestígio.”<sup>92</sup> Cavignac analisa o padrão, segundo as representações pela literatura de cordel, em que o camponês simples se torna bandido:

<sup>91</sup> LUCENA, Gerson Araújo de. Op.cit. p. 06-07.

<sup>92</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.147.

A vingança é o ponto de partida de sua carreira de bandido [do cangaceiro]. Seu destino e seu modo de agir são igualmente comparáveis; apenas varia na apresentação de suas condutas. De fato, é a partir do momento em que eles partem do seu local de origem, ou abandonam seu patrimônio para adotar um nome de guerra e/ou entram numa lógica diferente da vingança pessoal, que passam a ser percebidos como perigosos.<sup>93</sup>

Outra imagem recorrente nas representações das relações entre cangaceiro e coronel é aquela que mostra o cangaceiro e seu bando sendo recebidos (bem ou mal) na fazenda do coronel. Nesses casos não encontraremos uma relação de submissão e obediência do cangaceiro para com o coronel, pelo contrario, o que costuma ser mostrado é o respeito mútuo entre os dois indivíduos: O Cangaceiro respeita o coronel por seu poder e suas posses enquanto o coronel demonstra respeito ao cangaceiro por sua fama e pelo perigo que este oferecia.

No exemplo abaixo, temos um livreto do autor Benoni Conrado que narra – através de uma escrita estilizadamente sertaneja - uma história a respeito do dia em que o cangaceiro Antônio Silvino pediu pousada na fazenda do austero coronel Joaquim. O fazendeiro era famoso por não receber comboieiros em sua fazenda e pensando se tratar de um grupo de vagabundos, o coronel nega abrigo ao cangaceiro e ao seu bando. É nesse momento que o suposto comboieiro se apresenta como Antonio Silvino. Intimidado por tratar-se de um dos mais famosos cangaceiros do sertão nordestino, o coronel muda de postura e desculpa-se oferecendo-lhe pousada e banquete.

Observemos a seguinte trecho:

Silvino deu boa tarde  
 Mas o vei mal respondeu  
 Aí pra chuvê de Vera  
 O tempo se escuriceu  
 Silvino com atenção  
 Mim dê um rancho patrão  
 Aí num lugá qualqué  
 O coroné diche não  
 Meu nome num é patrão

---

<sup>93</sup> Ibid. p.150.

O meu nome é coroné

Silvino diche discuipe  
 Seo coroné fazendêro  
 Eu queria um agasai  
 Pra mim e meus comboiêro  
 Nois vem sofrendo dimais  
 Eles vei ali atrais  
 Num tardo mais a chegá  
 A viaje ta tão amaiga  
 Mermo tem coisa nas caiga  
 Que num se pode moiá<sup>94</sup>

Notemos que ao ser chamado de “patrão”, o coronel Joaquim se irrita e pede para ser chamado pela patente, dando a impressão de que esta lhe confere o devido reconhecimento além descaracterizar o vínculo que o termo “patrão” denotaria entre o coronel e o cangaceiro. Vale notar que em nenhum momento Silvino é desrespeitoso ou sequer intimidador com o coronel. Este por sua vez, só lhe destrata por não saber se tratar de um famoso e reconhecido cangaceiro:

O vei diche nessa casa  
 Arrancho pra comboiêro  
 Eu não lhe dava drumida  
 Nem qui min desse dinheiro  
 Voimicê pode ir simbora  
 Aqui pra sua demora  
 Só voi maicá um segundo  
 Mim pidi mais num convem  
 Qui minha casa num tem  
 Arrancho pra vagabundo

.....  
 Silvino diche obrigado  
 Condo meus homi chegá  
 Diga que Antonio Silvino  
 Num ficou pra se arranchá  
 Pode sê queles intenda  
 Vou atraz dota fazenda  
 Qui de rancho a comboiêro  
 O vei tremendo ficou  
 Condo de longe avistou  
 Uns vinte e seis cangacêro

Ai é seu Antonio Silvino  
 O vei falou tremendo  
 Mim discuipe seu Antonio  
 Eu num tava lhe coincendo  
 Foi logo armando uma rede

<sup>94</sup> CONRADO, Benoni. *Antonio Silvino na Casa do Fazendeiro*. [S.l.] : [s.n.], [19--]. p. 03.

Se o sinhô tive cum sede  
 Nóis tem água de quartinha  
 Mandi os seus rapaz decê  
 E diga o que qué cume  
 Se é carne assada ou galinha<sup>95</sup>

A grande diferença entre as duas formas de representação citadas (a do cangaceiro de milícia e a do cangaceiro errante), é que na primeira, sendo o cangaceiro um contratado do coronel, este não costuma “ter voz” nos poemas de cordel, aparecendo apenas para lutar e matar. Na segunda abordagem o cangaceiro mostra-se como indivíduo autônomo no exercício de sua luta por sobrevivência. Sua relação com o coronel aparece, sob forma de diálogos e embates onde um não está circunstancialmente acima do outro.

Não foi por acaso que escolhemos um cordel centrado em Antônio Silvino, para exemplificar algumas imagens da relação entre coronel e cangaceiro. Silvino e Lampião, ambos nascidos no sertão do Pajeú em Pernambuco, foram os personagens reais mais representados pela literatura popular sobre o cangaço. Silvino, ao contrário de Lampião que muitas vezes é representado como mal e sanguinário, costuma aparecer nos poemas de cordel como com uma imagem bastante positiva “Apesar de suas ações más e tal como seu predecessor, Antônio Silvino goza de uma boa reputação por que é “bandido justiceiro”. Ele devolve uma mulher infiel ao marido, defende a virgindade das donzelas e não mata sem razão”<sup>96</sup>. Notemos a forma como Antônio Silvino é apresentado no livreto:

No tempo qui os cangacêro  
 Mandava todo Nordeste  
 Tinha um ta de Antônio Silvino  
 Eita qui caba da peste  
 De ninguém bota defeito  
 Valente daquele jeito  
 Qui intê hoje se admira  
 Pro nunca brigá atoua  
 Era infelis a pessoa

<sup>95</sup> Ibid., p. 04-05.

<sup>96</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.155.

Quele incobria na mira

Seus capanga era valente  
 Cheio de perversidade  
 Mas diche que ta Silvino  
 Fazia inté caridade  
 Nun sei porque as orige  
 Prutugua as moça vige  
 Pra armentá seu valo  
 Casava inté rapaz rico  
 Condo fazia fuxico  
 Cas fia dos morado<sup>97</sup>

A forma romântica com a qual as qualidades do cangaceiro são representadas não deixa de traduzir as imagens à cerca de um sertão que, por ser desprovido de autoridades legais efetivas, termina por reconhecer em valores como honra, valentia e justiça elementos para separar o bom do mal, mesmo que essas qualidades sejam evidenciadas em um fazendeiro autoritário ou em um bandido justiceiro.

Levantar toda a coleção de símbolos que habitam o universo dos cordéis sobre os grandes fazendeiros, seria uma tarefa tão ampla que poderia render ainda muitas páginas de reflexão e discussão sobre o assunto. O que pretendemos, contudo é, através de signos literários tais como a fazenda, os herdeiros, o vaqueiro e os cangaceiros, demonstrar que o coronel do imaginário popular está cercado de elementos indispensáveis para compor seu tempo e seus espaços.

Assim, em torno do universo fechado da fazenda e do triângulo heróico representado pelo cangaceiro, pelo fazendeiro e pelo vaqueiro, gira um número importante de artesões, de comerciantes, de pequenos proprietários e de camponeses sem terra. Essa mão-de-obra móvel, dificilmente contabilizável e com um estatuto precário, constitui, não obstante, maior parte da população do sertão. Seus representantes estavam e estão ainda, entre os mais pobres, e foram jogados para fora da história. Somente os folhetos os colocam em cena, ao lado de figuras históricas ou lendárias tendo partilhado, ao menos durante um determinado tempo, o mesmo destino.<sup>98</sup>

<sup>97</sup> CONRADO, Benoni. Op.cit. p. 01.

<sup>98</sup> CAVIGNAC, Julie. Op.cit. p.127.

A intenção de reunirmos o coronel, seu ambiente e seus habitantes, numa análise das representações construídas por poetas populares, endossadas pelos textos de cordel, não se resume à tentativa de viabilizar mais um momento de discussão - entre tantos já existentes - a respeito do coronelismo. Apesar de estarmos focados no estereótipo do coronel, o acesso às imagens que representam o coronel em seu ambiente nos ensinam acerca do Nordeste, dos sertões nordestinos, dos seus habitantes, seus valores, seus heróis nem tão heróis e seus vilões nem tão vilões, mas que, sobretudo, fazem parte de uma rede de relações que, a despeito da rudeza do ambiente e da falta de intervenções por autoridades oficiais, conseguem estabelecer um equilíbrio legitimado na sobrevivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por elaborar uma monografia que analise e discuta os coronéis dos sertões nordestinos durante a República velha, através das representações produzidas pela literatura de cordel, termina por tornar-se tarefa rica em possibilidades de pesquisa, além de bastante prazerosa, uma vez que une o estudo de um fenômeno importantíssimo da história recente do Brasil, com as formas populares, poéticas e lúdicas com as quais os livretos de feira contam suas histórias e estórias. Através das análises desse trabalho, pudemos nos valer de imagens encontradas nessa rica forma de expressão popular para percorrer diversos espaços inseridos em um tempo específico.

Os espaços percorridos foram os sertões nordestinos, sobretudo, sertões que existiram num tempo em que o conceito Nordeste, enquanto região possuidora de uma unidade cultural e social, ainda estava sendo paulatinamente construído e justamente dessa construção, homens e mulheres que habitavam essa região, passaram a ser chamados de nordestinos. Pelos olhos dos poetas cordelistas, vimos que esses sertões, independente do nome dado à região em que estavam inseridos, eram espaços áridos, castigados por intempéries da natureza, terras que exigiam que seus habitantes fossem, antes de tudo, fortes. Esses foram os espaços do cangaço e dos grandes latifúndios que disputavam terras com pequenas propriedades, também foi o espaço dos pequenos municípios onde as feiras livres, aquelas onde os cordéis eram vendidos, e as eleições aconteciam. Esses eram os espaços de domínio econômico, ideológico, político e social dos coronéis fazendeiros.

O tempo do nosso trabalho foi o tempo de uma República recém nascida, que se consolidava no sertão de forma bastante distinta daquela que acontecia nas capitais e grandes cidades do litoral. Esse foi o tempo em que a polícia e as demais autoridades oficiais tinham



pouco ou nenhum poder de interferir nos acontecimentos dos municípios sertanejos. Tempo em que a democracia e a lei tinham sua importância ofuscada por valores como honra, valentia, justiça e obediência no tocante a garantir a sobrevivência do sertanejo e a manutenção da ordem social. Pelos livretos de cordel vimos que esse foi o tempo em que a condição de “cabra macho” colocava, pelo menos sob essa ótica, fazendeiros, camponeses, vaqueiros e cangaceiros em um mesmo status de reconhecimento. Tempo em que as mulheres foram representadas como coadjuvantes dos homens em seu dever primordial de manter-se honradas, pela virgindade enquanto solteiras e pela fidelidade ao marido depois de casadas, mas, sobretudo, frágeis, sempre precisando ser protegidas por seus homens. Esse foi o tempo de Lampião e de Antônio Silvino. Também foi o tempo dos coronéis mandões, fazendeiros que resolviam pejejas “no punhal” e “na bala”, que protegiam e apadrinhavam empregados e moradores, que mandavam na política e decidiam quem deveria ser eleito, que matavam ou mandavam matar, fosse pra fazer justiça, fosse pra se livrar de um desafeto.

Pelos livretos de feira pudemos ver alguns desses coronéis sendo representados através de versos escritos por autores do povo, autores que escreviam para o povo e por isso mesmo, buscavam refletir em seus livretos aquilo que esse povo sentia e percebia a respeito do universo ao seu redor. Talvez por esse motivo, não nos pareceu possível resgatar dos poemas de cordel, as representações do coronel desvinculadas de outros elementos inerentes ao seu ambiente. O poema popular que fala do coronel também fala de suas terras, seus filhos, seus protegidos, fala de vaqueiros e cangaceiros, fala da polícia, do juiz, do prefeito e do padre, fala do sertão em suas condições difíceis, porém possíveis para quem é forte.

Sobretudo, pudemos verificar que os coronéis estereotipados das representações do cordel, possuem em seus elementos básicos, muitas características dos coronéis apresentado em textos historiográficos. Ao analisarmos lado a lado a historiografia e a literatura popular acerca

dos coronéis, pudemos verificar a complementação de uma pela outra e dessa junção acreditamos ter sido possível a reconstrução de um coronel capaz de ser analisado, percebido e sentido a partir de imagens que talvez não surgissem se só tivéssemos utilizado uma dessas formas de fonte.

Por fim, ressalto que esse trabalho não foi realizado apenas com o objetivo de cumprir uma última tarefa acadêmica do curso de graduação. Durante o período em que pesquisei e escrevi essa monografia, sempre procurei ter em mente a intenção de estar fazendo algo que pudesse ser útil a quem se interessasse pelo tema. Escrever esse trabalho me proporcionou aprimoramento, crescimento e satisfação, porém, sei que ainda há muito a ser dito, estudado e analisado. Sei que pesquisas desse tipo não conseguem analisar todos os aspectos acerca do objeto estudado. Assim, lacunas ficarão abertas e torço para que estas possam ser preenchidas por novas pesquisas que, conseqüentemente, trarão novas lacunas a serem solucionadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FOLHETOS DE CORDEL

ATAYDE, João Martins de. A morte do padre Cícero Romão .[S.l.] : [s.n.], 1934. 16 p. Folheto de cordel.

BARROS, João de. O Mão de Aço. [S.l.] : [s.n.], [19--]. 32 p. Folheto de cordel.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. História do Coronel Gavião e o Escravo Sofredor. Bahia : [s.n.], [1979]. 8 p. Folheto de cordel.

CRISTÓVÃO, José Severino. Os Coronéis do Nordeste. Pernambuco: [s.n.], 1980. 16 p. Folheto de cordel.

CONRADO, Benoni. Antonio Silvino na Casa do Fazendeiro.[S.l.] : [s.n.], [19--]. 12 p. Folheto de cordel.

COSTA, Martins da. - Os Acontecimentos na Parayba . Belém: [s.n.], 1930. 16 p. Folheto de cordel.

FLORES, Manoel de Lira. - A morte do coronel Salvino. Campina Gande : [s.n.], 1941. 34 p. Folheto de cordel.

LIRA, Augusto de Suoza. Lamentável morte do Cel. João Maria. Bahia: [s.n.], 1963. 8 p. Folheto de cordel.

LUCENA, Gerson Araújo de. O herói de Mossoró e o coronel Cascavel. Campina Grande : [s.n.], 1976. 32 p. Folheto de cordel.

MARIANO, José. Sandoval e Marinalva.[S.l.] : [s.n.], [19--]. 16 p. Folheto de cordel.

MAXADO, Franklin. Romance do vaqueiro: Marciano da Égua. Rio de Janeiro: GED, 1976. 19 p. Folheto de cordel.

SILVA, Expedito F.. A Sangrenta luta no Seridó.Rio de Janeiro :[s.n.], 1978. 16 p. Folheto de cordel.

SILVA, João José da. As bravuras de Antônio Silvino em Honra de um Amigo. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. 16 p. Folheto de cordel.

\_\_\_\_\_. A vingança de um sertanejo no engenho Pirapama Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. 16 p. Folheto de cordel.

\_\_\_\_\_. O coronel Mangagá e o Seringueiro do Norte. [S.l.] : [s.n.], [19--]. 16 p. Folheto de cordel.

\_\_\_\_\_. O cangaceiro do Prado. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. 32 p. Folheto de cordel.

\_\_\_\_\_. Zé Matraca : o valentão de Palmares. Recife : Luzeiro do Norte, [19--]. 16 p. Folheto de cordel.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. “Quem é froxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/froxo\\_nao\\_se\\_mete.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/froxo_nao_se_mete.pdf)>, Acesso em: 06/06/2008.

CURRAN, Mark J.. **Historia do Brasil em Cordel**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Literatura de Cordel: Antes e Agora**. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01475176655936417554480/p0000013.htm>>, acesso em 28/03/2008.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext)>, Acesso em 14/04/2008.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**. Título original: *La littérature de colportage au nord-est du Bresil*. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. Aracaju:UFS.1987.

LEAL, Victor Nunes Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. 9 ed. São Paulo: Nova Fronteira, [s.d.].

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma historia cultural do urbano**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.8, n.16,1995, p.279-298.

\_\_\_\_\_. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder**: Formação do patronato Político Brasileiro. 3 ed. Rev. - São Paulo: Globo, 2001.

CAROS AMIGOS. São Paulo, Ed. Casa Amarela. Ano XII, n.133. abr 2008. p. 28 – 32.

<http://www.ancomarcio.com/site/publicacao.php?id=2929>. Acesso em: 30/02/2008.

[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/6365\\_2.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/6365_2.asp). Acesso em: 25/04/2008.

[www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese20a.rtf](http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese20a.rtf). Acesso em: 30/02/2008.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_Rice\\_Burroughs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Rice_Burroughs). Acesso em: 27/03/2008.